

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

GRÉGORIE GARIGHAN

**NARRATIVA DO CRIME:**

a cobertura jornalística do Grupo Liberal no caso dos meninos emasculados de  
Altamira

PORTO ALEGRE

2024

GRÉGORIE GARIGHAN

**NARRATIVA DO CRIME:**

a cobertura jornalística do Grupo Liberal no caso dos meninos emasculados de  
Altamira

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Basílio Alberto Sartor

PORTO ALEGRE  
2024

### CIP - Catalogação na Publicação

Garighan, Grégorie  
Narrativa do Crime: a cobertura jornalística do  
Grupo Liberal no caso dos meninos emasculados de  
Altamira / Grégorie Garighan. -- 2024.  
92 f.  
Orientador: Basílio Alberto Sartor.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,  
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. narrativa jornalística. 2. sensacionalismo. 3.  
crime. 4. princípios jornalísticos. 5. Grupo Liberal.  
I. Sartor, Basílio Alberto, orient. II. Título.

GRÉGORIE GARIGHAN

**NARRATIVA DO CRIME:**

a cobertura jornalística do Grupo Liberal no caso dos meninos emasculados de  
Altamira

Trabalho de conclusão de curso de  
graduação apresentado ao Departamento  
de Comunicação Social da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Basílio Alberto Sartor

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador Prof. Dr. Basílio Alberto Sartor  
UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anelise Schütz Dias  
UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gisele Dotto Reginato  
UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Gosto de pensar que nenhuma conquista é singular. O título é individual, mas não completamos a caminhada sozinhos. Desde agosto de 2019, foram muitas as pessoas que estiveram comigo e participaram, de uma forma ou de outra, da minha formação. Por ter crescido em uma família de professores, sempre escutei que a educação transforma o mundo, e é verdade. Por isso, agradeço, antes de mais nada, à minha mãe, Michelle Garighan, e ao meu padrasto, Gustavo Tricot, dois educadores exemplares, inteligentes, empáticos e íntegros. Agradeço pelos aprendizados, pelas nossas conversas - sempre acompanhadas de uma caneca de café - e pelo amor que move tudo aqui. Se eu fosse apostar em duas pessoas para transformar o mundo, seria em vocês.

Agradeço à toda minha família, que sempre confiou no meu potencial e me incentivou a ir atrás do que eu queria: aos meus avós paternos, Queta e José, que sempre fizeram de tudo por mim, me cuidaram como um filho e me apoiaram de forma incondicional ao longo desta jornada. Aos meus avós maternos, Susana e Gilmar, por todo o carinho e, nas palavras da minha avó, me amar exatamente do jeito que sou. Também quero mencionar minhas dindas Ana e Andressa, meus irmãos João Vicente, Pedro Henrique e Yasmin, minha afilhada Marina, e minha tia Vitória. Guardo vocês comigo em todos os momentos.

Não poderia deixar de agradecer à pessoa na qual escolhi dividir a vida e que esteve comigo, me incentivando, durante todo o processo de pesquisa e redação desta monografia: Rodrigo Vargas, meu amor, é uma alegria enorme poder viver contigo. Obrigado por me mostrar que é possível amar de graça e se entregar de coração, prometo estar contigo sempre.

Aos meus amigos, que durante anos, fizeram parte da minha família por escolha: Alexandre Greff, Eduarda Strapasson, Gabrielle Ávila, Guilherme de Vasconcelos, Natasha Zanella e Otávia Sacilotto. Admiro cada um de vocês e tenho certeza que continuaremos cultivando relacionamentos leves, de carinho e cumplicidade.

Durante minha jornada acadêmica, pude conhecer pessoas, dentro e fora da Universidade, que contribuíram muito para o profissional que me tornei. Agradeço à todos meus professores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico)

- que me possibilitaram redescobrir o jornalismo em suas especificidades e amplitude -, em especial aos professores Marcelo Träsel, com quem tive minha primeira experiência de pesquisa, e Basílio Sartor, meu orientador neste trabalho, que agradeço pela atenção e por me encorajar quando eu duvidava da minha capacidade. Agradeço também à toda equipe do Jornal da Universidade e do Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional (CEAF) do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul - em especial à Ana Brauwerts -, por todo o aprendizado e por acreditar no meu trabalho.

Agradeço também aos amigos que fiz durante a graduação, com quem compartilhei as melhores risadas no Dacom e almoços no Restaurante Universitário. Guilherme Freling, Julhian Ribeiro, Luísa Teixeira e Sophia Maia, obrigado por me acompanharem nesta experiência.

Por fim, agradeço a todos os funcionários que mantêm viva e pulsante a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, oferecendo um ensino público gratuito e de qualidade. É um orgulho poder dizer que estudei nesta instituição.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como foi construída a grande reportagem telejornalística “*Emasculados: seita, morte e mistério em Altamira*”, desenvolvida pelo Grupo Liberal (grupo de comunicação do estado do Pará) em 2022, e em qual medida cumpre os princípios basilares do jornalismo voltado à cobertura de segurança pública e criminalidade violenta. A reportagem narra o caso dos meninos emasculados de Altamira, que consistiu em uma série de crimes contra meninos de oito a 14 anos de idade no interior do Pará. As vítimas foram sequestradas, emasculadas e/ou mortas entre 1989 e 1993. Para atingir os objetivos desta pesquisa, o trabalho aborda estudos acerca do papel social do jornalismo e das manifestações do sensacionalismo na produção jornalística, relacionando ambas temáticas às realidades complexas do jornalismo de segurança pública e crime. A metodologia utilizada na pesquisa é a análise pragmática da narrativa, permitindo a observação de elementos textuais, sonoros e visuais da reportagem, essenciais visto que o *corpus* se trata de uma grande reportagem audiovisual, dividida em duas partes de cerca de 25 minutos cada. A pesquisa demonstra que a narrativa da reportagem faz uso de uma série de estratégias de dramatização e efeitos de sentido, buscando torná-la mais comercial. Conclui que o compromisso central da trama não é para com o esclarecimento dos fatos perante ao cidadão ou no fornecimento de informações qualificadas, mas sim em moldar a realidade dramática, tornando-a uma estória espetacular.

**Palavras-chave:** narrativa jornalística; sensacionalismo; crime; princípios jornalísticos; Grupo Liberal.

## ABSTRACT

This research aims to investigate how the television great-report “*Emasculados: seita, morte e mistério em Altamira*”, developed by the Liberal Group (communication group from the state of Pará) in 2022, was constructed, and to what extent it fulfills the basic principles expected of journalism focused on covering public safety and violent crime. The great-report narrates the case of the emasculated boys of Altamira, which consisted of a series of crimes against boys aged eight to 14 years old in the interior of Pará. The victims were kidnapped, emasculated and/or killed between 1989 and 1993. To reach the objectives of this research, the work addresses studies about the social role of journalism and the manifestations of sensationalism in journalistic productions, relating both themes to the complex realities of public security and crime journalism. The methodology used in this research is the pragmatic analysis of the narrative, allowing the observation of textual, sound and visual elements of the great-report, key factors, considering that the *corpus* is an audiovisual great-report, divided into two parts of about 25 minutes each. The research demonstrates that the report's narrative makes use of a series of dramatization strategies and sense effects, aiming to make it more commercial. It concludes that the central commitment of the plot is not to clarify the facts to the citizen or to provide qualified information, but rather to shape the dramatic reality, making it a spectacular story.

**Key-words:** journalistic narrative; sensationalism; crime; journalistic principles; Liberal Group.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 - Relação entre elementos e finalidades .....	17
Figura 01 - Declaração de Dona Zilda contida no processo judicial .....	42
Figura 02 - Efeito de dramatização na introdução das fontes .....	60
Figura 03 - Aproximação do espectador com a cena de crime .....	62
Figura 04 - Imagens de seitas repetidas na reportagem .....	65
Figura 05 - Trecho de “Deus, A Grande Farsa” .....	65
Figura 06 - Desenhos de Valentina de Andrade .....	68
Quadro 02 - Conflitos dramáticos .....	78

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 NARRAR HISTÓRIAS: O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO</b> .....	13
2.1 A narrativa jornalística e suas finalidades .....	13
2.2 O enquadramento na narrativa jornalística .....	18
2.3 Jornalismo de segurança pública e crime .....	21
<b>3 SENSACIONALISMO: A INFORMAÇÃO REDUZIDA A PRODUTO</b> .....	26
3.1 Os primórdios sensacionais .....	26
3.2 A mercantilização do jornalismo .....	28
3.3 Sensacionalismo no jornalismo televisivo .....	30
3.4 Lado a lado: jornalismo de crime e sensacionalismo .....	34
3.5 Sensacionalismo e o impasse conceitual .....	37
<b>4 SOMENTE A VERDADE: METODOLOGIA E ANÁLISE</b> .....	40
4.1 O acontecimento: os meninos emasculados de Altamira .....	40
4.1.1 Os crimes .....	41
4.1.2 As investigações .....	46
4.2 A análise pragmática da narrativa .....	50
4.3 O <i>corpus</i> empírico .....	56
4.4 Movimentos de análise .....	58
4.4.1 Decomposição da intriga: seita, mistério e morte em Altamira .....	59
4.4.2 Recomposição da intriga: conflitos dramáticos da narrativa .....	73
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87

## 1 INTRODUÇÃO

Entre 1989 e 1993, vários garotos foram mortos na cidade de Altamira, interior do Pará. As vítimas encontradas apresentavam uma marca em comum: tinham seus órgãos genitais cortados. Em outras palavras, foram emasculados. Por anos, as investigações não avançavam. Diante de tanto abandono, para as famílias das vítimas não havia dúvidas: pessoas poderosas estavam por trás dos crimes. Mas por que eles aconteciam? (Projeto Humanos, 2022)

Em abril de 2022, estreava a quinta temporada do podcast Projeto Humanos, de autoria do professor universitário Ivan Mizanzuk, que busca contar “histórias reais de pessoas reais”, apresentadas em formato de áudio documentário, ou, como gosta de chamar, “storytelling”. Durante suas três primeiras temporadas, o Projeto Humanos transita entre diversas temáticas, perpassando desde histórias cotidianas de heroísmo, até o impacto de conflitos geopolíticos, como a Primavera Árabe, nas experiências individuais. Foi a partir da quarta temporada, intitulada “O Caso Evandro”<sup>1</sup>, que Mizanzuk passou a produzir temporadas inteiras focando em casos criminais e, com suas pesquisas, contextualizar os acontecimentos e questionar os entes públicos sobre a inconclusividade das investigações.

O trecho destacado no início desta introdução é um resumo do caso dos meninos emasculados<sup>2</sup> de Altamira, utilizado para a divulgação da quinta temporada do Projeto Humanos, “Altamira”. Apesar de já ter conhecimento acerca dos eventos ocorridos na cidade paraense durante a década de 1990, foi ao escutar o podcast que percebi a potencialidade de uma discussão sobre o caso no âmbito da comunicação, sobretudo, considerando a inexistência de demais pesquisas<sup>3</sup>, nesta área, que analisem a cobertura jornalística e atuação da imprensa no caso. No entanto, destacam-se produções científicas que tratam do caso dos meninos emasculados de Altamira: no Direito, Alexandre Rosa de Macedo Rodrigues (2010); e na Antropologia Social, Paula Lacerda (2012). Ambos foram usados como referência nesta presente pesquisa.

---

<sup>1</sup> O caso Evandro se refere ao desaparecimento, morte e martirização do menino Evandro Ramos Caetano, de 6 anos, em abril de 1992, na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná.

<sup>2</sup> Emasculação é a retirada da parte externa do sistema genital masculino: pênis e escroto com testículos.

<sup>3</sup> A partir de pesquisas nos bancos de dados do Google Acadêmico, LUME/UFRGS e SciELO, verificou-se a inexistência de demais trabalhos acadêmicos sobre o caso dos meninos emasculados de Altamira na área da comunicação.

Para fazer este estudo, escolhi uma grande reportagem veiculada pela LibPlay, plataforma de *streaming* do Grupo Liberal sobre o caso. A reportagem foi veiculada em 2022, em duas partes de cerca de 25 minutos cada e leva o nome de “*Emasculados: Seita, mistério e morte em Altamira*”. A escolha de uma produção do Grupo Liberal se dá por se tratar de um veículo local e com grande impacto no estado do Pará e no município de Altamira. Em 2020, a TV Liberal, afiliada da Rede Globo no Pará e emissora de televisão do Grupo Liberal, foi premiada ao alcançar a maior audiência do Brasil, sendo a afiliada da Globo com os maiores números no Painel Nacional da Televisão (PNT). Além disso, a escolha por uma produção audiovisual visa analisar a construção de uma reportagem a partir de seu enfoque, fontes, sons, aspectos visuais e narrativa. A televisão é a mídia que possibilita uma matéria mais imersiva e, devido ao seu aparato para a produção de sentidos, é um interessante e complexo meio de comunicação para estudos de comunicação.

Sobretudo no jornalismo que narra os principais acontecimentos referentes à segurança pública e à criminalidade, é de suma importância ater-se aos princípios basilares do jornalismo e ao cumprimento de seu papel social, principalmente por abordar as complexas realidades problemáticas que envolvem tais fenômenos sociais. A boa atuação jornalística na cobertura de pautas de crime pode impedir a reafirmação de estereótipos e preconceitos e oferecer um objeto jornalístico que esteja alinhado aos direitos humanos.

Nesse sentido, a cobertura jornalística do caso dos meninos emasculados de Altamira, que compreende os sequestros, emasculações e mortes de quatorze meninos - entre oito e 14 anos de idade -, durante o final da década de 1980 e início da década de 1990, no município de Altamira, interior do Pará, é um exemplo privilegiado para contribuir com este debate. Por se tratar de um acontecimento complexo e permeado por controvérsias na esfera pública, as escolhas narrativas, enquadramentos e angulações assumem importância ímpar na formação da opinião do espectador sobre os fatos narrados. Desse modo, a exigência em oferecer um material de qualidade e que atenda às finalidades do jornalismo, em detrimento do uso de linguagens sensacionalistas, é ainda maior.

Ao desenvolver esta pesquisa, busquei responder ao seguinte problema de pesquisa: como foi construída e em que medida atende aos princípios basilares do

jornalismo a narrativa jornalística do Grupo Liberal sobre o caso dos meninos emasculados de Altamira na reportagem de 2022 intitulada “*Emasculados: Seita, mistério e morte em Altamira*”? A partir desta questão, o objetivo geral do trabalho é investigar em qual medida a reportagem “*Emasculados: Seita, mistério e morte em Altamira*”, feita pelo Grupo Liberal em 2022, cumpre os princípios basilares do jornalismo voltado à cobertura de segurança pública e criminalidade violenta. Já os objetivos específicos são: a) discutir as finalidades e os princípios elementares do jornalismo, em especial na cobertura de pautas de segurança pública e criminalidade; b) observar de que forma os acontecimentos e personagens envolvidos no caso dos meninos emasculados de Altamira são retratados na reportagem; e c) verificar a presença ou ausência de sensacionalismo e/ou efeitos de dramatização na narrativa que é objeto do estudo. Todos estes elementos permeiam o caminho para confirmar ou contrariar a hipótese de que a reportagem utiliza dos fatos para construir uma narrativa que chame atenção do público por seu aspecto “misterioso” e “chocante”, tornando-se sensacionalista por dar importância à construção de uma história que trata de fatos cruéis como se fossem ficção, visando potencializar o caráter comercial do caso.

Para atingir esses objetivos, a pesquisa se dividirá em cinco capítulos, sendo esta introdução o primeiro,. No segundo capítulo, intitulado “Narrar histórias: o papel social do Jornalismo”, foram mobilizados autores como Gisele Reginato (2016) e Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2001) para os debates que envolvem a definição de limites morais do *ethos* jornalístico e seus princípios basilares. Stuart Hall et al (1993) e Muniz Sodré (2009) oferecem reflexões sobre a narrativa e o enquadramento enquanto mobilizadores de opinião pública, enquanto Anelise Schütz Dias (2020) avança na reflexão sobre a atividade jornalística em relação à área de segurança pública e crime, que se difere das demais áreas de cobertura devido ao seu alto grau de complexidade em relação às realidades sociais.

No terceiro capítulo, de nome “Sensacionalismo: informação reduzida a produto”, foram compreendidas as obras de Danilo Angrimani (1995), Ciro Marcondes Filho (1986) e Guy Debord (1967) para debater o sensacionalismo enquanto fenômeno jornalístico oriundo da mercantilização da informação, e o condicionamento da existência de processos de espetacularização, que modificam a estrutura de produção do jornalismo. Além destes, foram acionados Flávio Porcello

(2006) e Michele Negrini e Romulo Tondo (2007) para elucidar sobre as particularidades da televisão em relação aos demais meios de mídia e às irrupções sensacionais. Ainda no terceiro capítulo, Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007) retomam o debate sobre o jornalismo criminal, agora aplicado à temática do sensacionalismo, que é problematizada por Márcia Franz Amaral (2005), devido ao impasse conceitual envolvendo o termo - comumente associado ao jornalismo popular voltado às classes mais pobres.

O aporte metodológico escolhido para o desenvolvimento da análise é a análise pragmática da narrativa, método autoral de Luiz Gonzaga Motta (2013), que permite a revisão de elementos textuais, visuais e sonoros da narrativa, imprescindíveis na busca em atender aos objetivos da pesquisa, visto que nosso *corpus* empírico é uma reportagem audiovisual telejornalística. Fazendo uso desta metodologia, analisei ambas partes da reportagem do Grupo Liberal a partir de sua minutagem e episódios temáticos propostos pelo objeto narrativo. Dessa forma, foi possível desenvolver reflexões acerca de cenas específicas, assim como também da construção da trama enquanto um projeto dramático único. Estes movimentos de pesquisa, somados à contextualização do caso dos meninos emasculados de Altamira e do objeto empírico, constituem o quarto capítulo, intitulado “Somente a verdade: metodologia e análise”. As considerações finais, quinto capítulo, encerram o trabalho.

## 2 NARRAR HISTÓRIAS: O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO

Compreendo que o discurso não é estanque, mas sim uma teia em que os significados vão sendo elaborados. (Reginato, 2016, p.215)

Visando iniciar os debates teóricos deste trabalho, irei discutir, neste segundo capítulo, as principais questões relativas à narrativa jornalística e ao processo de estruturação do produto jornalístico, entendendo quais funções o jornalista deve desempenhar ao narrar o fato e transformá-lo em notícia, reportagem ou outro material jornalístico. Este processo vem acompanhado de uma série de princípios, esperados do jornalismo, e que devem permear a narrativa do produto jornalístico para que cumpra seu papel social junto à sociedade. É por meio da identificação das finalidades do jornalismo, ou da ausência delas, que pode-se detectar quando seus objetivos deixam de ser atendidos.

No âmbito da segurança pública, irei debater o desenvolvimento de um fazer jornalístico que assimile as principais funções da área, entendendo as finalidades do jornalismo exigidas dos profissionais e atentando-se para as especificidades da esfera criminal. Por se tratar de um campo permeado por diversos atravessamentos sociais, culturais e históricos, o jornalista deve considerar uma série de fatores ao redigir uma matéria, evitando recorrer a estereótipos, clichês ou preconceitos.

### 2.1 A NARRATIVA JORNALÍSTICA E SUAS FINALIDADES

Entre o fato e o produto jornalístico final, há um véu interpretativo que compreende desde os mapas de significado<sup>4</sup> particulares, às definições e sua inserção em contextos sociais (Hall et al, 1993): a narração. Muniz Sodré (2009) define que narrar é, em termos práticos, contar uma história e que, embora a notícia de um jornal, pertencente ao gênero sócio-discursivo, se distinga integralmente do texto literário e não possua a autonomia da ficção, nela se encontra o “germe de uma narrativa”. Isto é, “aquilo que em outro contexto semiótico, poderia ser um conto, um romance ou um filme” (Sodré, 2009, p. 26).

Sodré (2009) usa do conceito elaborado pelo escritor francês Maurice Blanchot para explicar que a narrativa é uma função que cria aquilo mesmo que se

---

<sup>4</sup> Mapas de significado: um quadro comum de conhecimentos culturais com nossos semelhantes, coabitantes de uma mesma sociedade. São mapas culturais do mundo social que dão sentido aos acontecimentos (Hall et al, 1993).

narra. É uma forma de acessar os acontecimentos extraordinários, que rompem com as expectativas do normal e do cotidiano. O jornalismo seleciona quais os acontecimentos<sup>5</sup> mais significativos para a maior parte da população e, a partir da identificação e contextualização, oferece interpretações poderosas de como compreender tais acontecimentos (Hall et al, 1993). Mas, qualquer interpretação está sujeita a uma gama de fatores sociais condicionantes, que podem alterar o texto final e, por consequência, a compreensão que se tem deste.

A partir do momento em que o relato jornalístico é uma construção social, o jornalismo tem a necessidade e obrigação de ser o mais fiel possível aos fatos objetivos que se propõe a reconstruir (Kovach; Rosenstiel, 2001). Apesar do processo de significação ajudar a construir a sociedade como um consenso - já que todos acessamos “mapas de significado” semelhantes -, as importantes dicotomias sociais e econômicas não são levadas em conta (Hall et al, 1993), ou seja, mesmo habitando um espaço geográfico comum, duas pessoas com classes sociais distintas não compartilham do mesmo mapa de significado, já que fatores como vulnerabilidade social, acesso aos bens de consumo e segurança pública podem atravessar a realidade dos indivíduos de acordo com sua condição financeira, gênero, etnia, orientação sexual, dentre outros. É neste ponto que se torna ainda mais crucial ater-se a um mapa de condutas para a atividade jornalística, que seja capaz de delimitar não somente a teoria, mas a prática de narrar histórias.

A pergunta que surge é: “qual o papel social do jornalismo e como o jornalista deve agir?”, ou, como questionou Reginato (2016), “quais são as finalidades do jornalismo?”. A autora, na busca por responder tal questão, acionou os sujeitos participantes do contrato de comunicação jornalístico (veículos, jornalistas e leitores<sup>6</sup>) para refletirem sobre as finalidades do jornalismo. Após uma análise teórica de autores que pensam sobre as finalidades do jornalismo, o quadro mais relevante de sua pesquisa foi aquele elaborado a partir das respostas dos três sujeitos:

O jornalismo deve servir para: a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a

---

<sup>5</sup> Segundo Adriano Duarte Rodrigues (1993), o acontecimento é o ponto zero da significação, tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade de fatos virtuais.

<sup>6</sup> Para sua pesquisa, Gisele Reginato (2016) reuniu 40 documentos com falas de 85 jornalistas brasileiros, 38 documentos institucionais dos três maiores jornais de referência brasileiros, Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo e 279 comentários de 250 leitores dos sites dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo.

realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.  
(Reginato, 2016, p.214)

Dentre as doze finalidades do jornalismo elencadas por Reginato (2016), as três principais foram percebidas tanto pelos veículos jornalísticos, quanto pelos jornalistas e leitores: esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade; fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; e informar. A convergência na escolha das finalidades mais importantes denota, segundo a autora, um imaginário bastante consolidado sobre o que esperar do jornalismo na sociedade. Os sujeitos destacaram a responsabilidade com que deve ser tratada a diversidade da sociedade em que está inserida, considerando diferentes pontos de vista.

Na verdade, a finalidade “l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade” foi eleita a mais importante tanto pelos veículos como pelos jornalistas. Esses sujeitos constroem para si um lugar diferenciado de quem tem o poder de escolher as vozes que devem representar a complexidade dos fatos; afinal, a pluralidade é valor indissociável do jornalismo e a informação jornalística deve ser capaz de esclarecer sobre a diversidade do mundo (Reginato, 2016).

Para Kovach e Rosenstiel (2001), a principal finalidade do jornalismo é “fornecer aos cidadãos a informação que precisam para serem livres e se autogovernarem” (Kovach; Rosenstiel, 2001, p.16). É desta finalidade primária que todas as outras podem surgir e exercer seu papel social, ou seja, informar de modo qualificado é condição para a existência e desmembramento das demais finalidades (Reginato, 2016). Afinal, como cumprir a finalidade de fiscalizar o poder e fortalecer a democracia se não for apresentada ao leitor uma informação contextualizada?.

Neste momento, Reginato (2016) aponta dois diferentes níveis de percepção para a finalidade “informar”: a primeira delas entende que tal processo se configura como uma mera transmissão dos fatos, o ato de informar possui um fim em si mesmo e não necessita de explicação. A transparência necessária para que tal afirmação seja verdadeira esbarra no conceito da “imparcialidade”, que é demasiado abstrato e ainda mais subjetivo do que a “verdade” (Kovach; Rosenstiel, 2001). Reginato (2016) discorda de tal visão e apresenta um segundo nível de percepção:

“um processo qualificado, que deve cumprir certas exigências e distingue informação (e conteúdo) de informação jornalística” (Reginato, 2016, p. 207).

São diversos os fatores que influenciam no resultado final da produção jornalística e no cumprimento, ou não, de seu papel social, como, por exemplo, as relações de poder, as questões mercadológicas e editoriais (Dias, 2020). Anelise Schütz Dias (2020) concorda com Reginato (2016) quando a autora afirma que um jornalismo que cumpre com suas finalidades sociais fortalece a democracia e, somente assim, pode desempenhar a função social e dever moral junto a seus públicos. A formulação das doze finalidades não determina, entretanto, que todas devem ser cumpridas em uma mesma notícia ou reportagem, mas sim que o jornalismo deve buscar cumpri-las por meio de suas diversas produções em dado período para que continue sendo jornalismo (Reginato, 2016).

E é a narração que constitui o meio de campo entre a informação e a informação jornalística, é a forma com que se descreve um fato. Tomar a informação como mero processo finalístico é um reducionismo do objetivo do jornalismo. Existem, segundo Reginato (2016), exigências que devem ser cumpridas para a qualidade da informação: deve ser atual, plural, verificada, relevante, correta, contextualizada, bem redigida; deve ampliar o conhecimento do público para que ele possa atribuir sentido aos acontecimentos.

Kovach e Rosenstiel (2001) identificaram, anteriormente, uma série de princípios consensuais que constituem os elementos do jornalismo, buscando responder duas perguntas: “se os jornalistas consideram que o jornalismo era, de algum modo, diferente das outras formas de comunicação, onde residem as diferenças?” e “se consideravam que o jornalismo deveria mudar, mas era necessário manter os princípios basilares, quais eram esses?” (Kovach; Rosenstiel, 2001, p. 8). A partir desses questionamentos, eles sintetizaram os nove elementos norteadores do jornalismo:

- 1) obrigação com a verdade; 2) deve manter-se leal aos cidadãos; 3) sua essência se assenta numa disciplina de verificação; 4) independência em relação às pessoas que cobrem; 5) deve servir como um controle independente do poder; 6) fórum para crítica e compromisso públicos; 7) lutar para tornar interessante e relevante aquilo que é significativo; 8) garantir notícias abrangentes e proporcionais; 9) quem exerce deve ser livre para seguir com sua própria consciência. (Kovach; Rosenstiel, 2001, p.22)

Apesar da lacuna temporal entre a elaboração dos elementos de Kovach e Rosenstiel (2001) e das finalidades de Reginato (2016), podemos perceber diversas similaridades entre ambas: os elementos 1 (obrigação com a verdade) e 3 (sua essência se assenta numa disciplina de verificação) se relacionam com a finalidade “c” (verificar a veracidade das informações), o elemento 2 (deve manter-se leal aos cidadãos) se relaciona com a finalidade “j” (defender o cidadão), o elemento 5 (controle independente do poder) se relaciona com a finalidade “k” (fiscalizar o poder e fortalecer a democracia), o elemento 6 (fórum para críticas e compromissos públicos) se relaciona com a finalidade “i” (integrar e mobilizar a sociedade), o elemento 7 (tornar interessante aquilo que é significativo) se relaciona com a finalidade “e” (mediação entre os fatos e o leitor) e o elemento 8 (garantir notícias abrangentes e proporcionais) se relaciona com a finalidade “l” (esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade). O Quadro 01 apresenta a relação entre os elementos de Kovach e Rosenstiel e as finalidades de Reginato.

Quadro 01 - Relação entre elementos e finalidades

Elementos de Kovach e Rosenstiel	Finalidades de Reginato
<p>Elemento 1 - “obrigação com a verdade”</p> <p>Elemento 3 - “sua essência se assenta numa disciplina de verificação”</p>	Finalidade “c” - “verificar a veracidade das informações”
Elemento 2 - “deve manter-se leal aos cidadãos”	Finalidade “j” - “defender o cidadão”
Elemento 5 - “controle independente do poder”	Finalidade “k” - “fiscalizar o poder e fortalecer a democracia”
Elemento 6 - “fórum para críticas e compromissos públicos”	Finalidade “i” - “integrar e mobilizar a sociedade”
Elemento 7 - “lutar para tornar interessante e relevante aquilo que é significativo”	Finalidade “e” - “mediação entre os fatos e o leitor”
Elemento 8 - “garantir notícias abrangentes e proporcionais”	Finalidade “l” - “esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade”

Fonte: elaborado pelo autor

Tal proximidade entre os princípios elaborados pelos autores estabelece uma série de responsabilidades básicas que se espera do jornalista no cumprimento de sua função. Para Kovach e Rosenstiel (2001), a resposta à pergunta que os incitou a pesquisar sobre os elementos do jornalismo foi dada: somente a atividade jornalística se concentra, de forma prioritária, em apurar aquilo que realmente aconteceu e produzir um relato público sobre tal acontecimento. A verdade é o compromisso central do jornalismo, e a disciplina da verificação é aquilo que distingue o jornalismo do entretenimento (Kovach; Rosenstiel, 2001). Sendo assim, toda atividade que não pretenda chegar à verdade dos fatos, e assim apresentá-la, não pode ser considerada jornalismo.

## 2.2 O ENQUADRAMENTO NA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Na perspectiva da responsabilidade social, a condição de existência do jornalismo está vinculada ao interesse público (Lago, 2014), que não é somente um valor-notícia, já que não se limita aos aspectos de noticiabilidade dos fatos e estabelece importantes relações com outras instituições sociais e com os cidadãos (Sartor, 2018). No entanto, faz parte da práxis jornalística tornar uma notícia ou reportagem atraente e interessante ao público, como já ressaltaram Kovach e Rosenstiel (2001). É a partir deste ponto que as estratégias de distinção fazem-se valer, conferindo uma identidade discursiva e editorial ao veículo, essencial para “inculcar o público leitor a sua especificidade comercial” (Sodré, 2009, p.14). Durante este processo, os recursos narrativos assumem a função de atrair atenção à produção jornalística:

Não se trata de manipulações deliberadas, nem de mentiras, mas de interpretações que podem muitas vezes lançar mão de recursos típicos da ficção literária, com vistas à criação de uma atmosfera semântica mais compreensiva. Apesar de sua aposta histórica no esclarecimento neutro, a notícia não prescinde, em termos absolutos, do apelo à carga emocional contida nos estereótipos que derivam das ficcionalizações ou dos resíduos míticos. (Sodré, 2009, p.15/16)

Nessa perspectiva, o enquadre constitui um sistema de referências de regras e esquemas interpretativos possíveis ao narrar um acontecimento, resultando na atribuição de sentido a este fato e sendo capaz de organizar a experiência social

dentro de uma dada sociedade (Sodré, 2009). É um âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais que, caso fossem não conhecidas pelos profissionais da mídia, dificilmente poderiam denotar o que é noticiável ou não (Hall et al, 1993).

O enquadramento orienta o espectador<sup>7</sup> sobre como ele deve perceber determinado fenômeno, a partir dos ângulos em que a história é contada, de quais diálogos são reproduzidos e de quais vozes são escolhidas para compartilhar seus pontos de vista acerca dos acontecimentos e temáticas de interesse público. O fato enquadrado já vem pronto para orientar e organizar nossas interpretações e experiências (Dias, 2020). Apesar de reverberar o autor estadunidense Michael Schudson que dizia que o “jornalista não só reporta a realidade, como a cria”, Dias (2020) explica que tal afirmação não supõe que os relatos jornalísticos não possuem correspondência factual, mas que “há uma série de escolhas feitas durante o processo de elaboração da notícia que influencia a percepção que os públicos têm dos eventos relatados” (Dias, 2020, p.107).

O uso de procedimentos formais de texto, bem como diferentes modos narrativos ou a temporalidade do discurso, e até mesmo a apropriação de conteúdos fabulativos, como a construção de personagens e criação de conflitos, não são os únicos requisitos definidores de uma narrativa literária, mas principalmente do surgimento de uma outra superfície expressiva em que as palavras podem adquirir significados diferentes ou contrários aos da língua comum. Ou seja, o literário não presume exclusivamente uma expressão artística, mas sim “de uma prática linguística que obtém sentido pela diferenciação frente à prática comunicativa simples do idioma” (Sodré, 2009, p.165).

Porém, há uma linha tênue entre “lutar para tornar interessante e relevante aquilo que é significativo”, elencado por Kovach e Rosenstiel (2001) entre os seus nove elementos do Jornalismo, e usar do excesso de dramatização para capturar a atenção do espectador. Sodré (2009) afirma que a mistura entre o imaginário e real sempre esteve presente na imprensa, sob o que se convencionou chamar de sensacionalismo: “esta expressão comporta dúvidas teóricas, mas serve como

---

<sup>7</sup> Espectador: irei nomear aquele que consome o produto jornalístico apenas como “espectador”, visto que esta monografia se propõe a analisar uma reportagem telejornalística. Usarei o termo “leitor” apenas quando necessitar desta especificação.

índice aproximativo de um tipo de jornalismo caracterizado pela desenvoltura narrativa” (Sodré, 2009, p.221).

O debate acerca do sensacionalismo será abordado com profundidade mais adiante nesta monografia, mas ainda cabe pontuar que, neste momento da discussão, pode-se perceber que a responsabilidade social do jornalista não pode ser resumida em apenas fornecer informações que interessam ao público e apresentá-las em uma roupagem comercial (Lago, 2014), já que o constante exercício de potencializar os aspectos espetaculares de uma informação pode contribuir para o enfraquecimento de suas finalidades:

É bem verdade que, no caso do jornalismo, a priorização de estratégias para captar e ampliar audiências têm resultado na produção de conteúdos inócuos e irrelevantes. Entretanto, os gostos e as pautas de interesse dos consumidores de notícias configuram um dos fatores de influência sobre a própria percepção de relevância dos fatos, sobre a construção do relato noticioso e mesmo sobre o direcionamento do olhar vigilante do jornalismo para determinadas instâncias de poder. (Sartor, 2018, p. 12)

Não devemos confundir a dramatização da narrativa com a mediação pela linguagem, que de forma alguma vai contra as finalidades do jornalismo. Na verdade, a mediação deve ser sempre utilizada em matérias que abordem assuntos demasiado específicos e complexos, como economia ou política, e até mesmo deve ser utilizada em situações de crises e catástrofes, oferecendo informações acessíveis e concentradas, assumindo um alto teor de relevância, definindo a forma de agir da população frente às ameaças. Por isso, não devemos menosprezar ou julgar tal mediação, desde que feita com responsabilidade, afinal é papel do jornalista realizá-la (Reginato, 2016).

Para cumprir sua função primordial para com o exercício da cidadania, o jornalismo deve antever a multiplicidade de opiniões da sociedade, mas não apenas seguindo a “velha fórmula” de se valer de pontos de vistas antagônicos ou diferentes para suscitar a ideia de diversidade em um mesmo espaço editorial (Lago, 2014). Incorporar o pluralismo no produto jornalístico é um exercício ainda mais complexo, mas igualmente necessário, sobretudo quando tratamos de temas sensíveis e que atravessam diversos fatores sociais, como é o caso do jornalismo de crime, que discutiremos a seguir.

### 2.3 JORNALISMO DE SEGURANÇA PÚBLICA E CRIME

A percepção da sociedade como um “consenso”, como vimos anteriormente, surge a partir de um processo de significação. Tal consenso, apesar de falho, por não considerar as especificidades dos diferentes grupos sociais que dividem um mesmo espaço social, ajuda a construir mapas mentais que definem os “acontecimentos problemáticos”, ou seja, aqueles que irrompem a ideia de normalidade e rotina, conferindo a si grande caráter de noticiabilidade. O crime é um acontecimento problemático que desestabiliza o consenso da sociedade; então, “o crime é, quase que por definição, notícia” (Hall et al, 1993, p.237).

Dias (2020) elabora, em sua tese de doutorado, uma pesquisa sobre o jornalismo de segurança pública na perspectiva dos direitos humanos e defende a constituição de um campo jornalístico especializado para abordar o crime, indo além da habitual cobertura dos fatos e reprodução de dados de violência. O crime faz parte da rotina jornalística e deve ser enquadrado com a devida parcimônia e cuidado, a partir do momento que o jornalismo é a instituição responsável por apresentar os fatos que interferem na vida das pessoas:

Defendo que o jornalista que queira cobrir com competência a diversidade do mundo deve ter uma formação igualmente diversa, aprofundada e alinhada aos desafios que terá de enfrentar ao longo da profissão. Isso exige conhecimentos teóricos qualificados e o estímulo ao debate sobre questões que conformam diferentes áreas da vida social, num movimento de construção de um senso crítico, de uma leitura mais profunda das teias que conformam os fatos cotidianos e nem sempre são facilmente visíveis ou óbvias (Dias, 2020, p. 132-133)

Como já vimos, o crime é um fenômeno permanente, ou seja, é pautado por jornalistas de forma rotineira e, até mesmo, diária. Devido à grande recorrência e à nebulosidade dos fatos relacionados à criminalidade, muitas vezes os jornalistas dependem de fontes altamente estruturadas para realizar a cobertura desses fatos, resultando em notícias produzidas fundamentalmente a partir de relatos dos definidores primários<sup>8</sup> institucionais (Hall et al, 1993). Dias (2020) é uma grande crítica da falta de diversidade em matérias de segurança pública e ressalta que nem todo sujeito tem o mesmo acesso aos jornalistas.

---

<sup>8</sup> Definidor primário: estabelece uma interpretação primária do tema em questão, que norteará os termos de referência para todos os debates subsequentes. São as fontes “dignas de crédito”, ou seja, instituições legitimadas, especialistas e representantes dos poderes públicos. (Hall et al, 1993)

A autora cita a sistematização elaborada por Molotch e Lester dos três tipos de fontes acessadas por jornalistas: habitual, disruptiva e direta. A fonte habitual é aquela que fornece informações que estão de acordo com os critérios de noticiabilidade e representa a fonte oficial e os representantes de instituições públicas, enquanto a fonte disruptiva é aquela que só é acessada quando há um rompimento da rotina. No jornalismo de crime, o acesso aos tradicionais definidores primários cria uma interação entre jornalista e fontes que “aparece muitas vezes como forma de punição, denúncia e estigmatização dos sujeitos suspeitos de envolvimento em condutas criminais” (Dias, 2020, p.124), contribuindo para o linchamento público enquanto representação da justiça.

Nesse sentido, a punição de quem infringe a lei tende a ser feita antes mesmo da sentença oficial, à medida que o noticiário propõe uma reafirmação simbólica dramatizada do código de conduta social e seus limites de tolerância (Hall et al, 1993). O discurso punitivo frequentemente usado pelo jornalismo é validado pela utilização dessas fontes oficiais que representam a Justiça e o controle social, que muitas vezes, são os únicos a serem ouvidos nestes casos. A falta de diferentes vozes no jornalismo de crime não deixa espaço para o contraditório ou para a dúvida (Dias, 2020), tornando os produtos jornalísticos engessados e com conclusões simplistas.

Na realidade em que estamos inseridos, um crime quase nunca se sustenta por si só, ele pode remontar a um contexto de violência, abuso e marginalidade. Não promover uma diversidade de vozes - entre suspeitos, testemunhas, vítimas - é uma oportunidade perdida de debater amplamente os eventos singulares cotidianos em contextos particulares semelhantes, identificando eventuais realidades problemáticas e localizando-as na teia social, levando o espectador a perceber a complexidade e as especificidades do campo da segurança pública (Dias, 2020).

Dias (2020) ainda chama atenção para o fato de que mesmo as fontes oficiais oferecem um enquadramento específico, por exemplo, caso o jornalista recorra mais a uma fonte da Polícia Militar, irão predominar na cobertura flagrantes, apreensões e batidas. Se a fonte for ligada ao Ministério Público, a cobertura tenderá a focar mais no Júri e no processo. A dependência de fontes oficiais pode causar distorções e nebulosidade na pauta, a partir do momento que se toma o relato de uma autoridade ou instituição pública como verdade absoluta.

Além disso, caso não haja um acompanhamento comprometido do caso, o espectador cristaliza as imagens mentais criadas a partir do primeiro contato com o acontecimento, imputando culpa a um indivíduo que ainda está na condição de suspeito perante o processo jurídico (Dias, 2020). Em sua tese de doutorado, Dias (2020) relembra um caso que alcançou repercussão nacional em 2017 e que, ao nosso ver, exemplifica os argumentos elaborados até aqui. Trata-se de um crime que ocorreu na cidade de Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul: duas crianças foram encontradas esquartejadas em sacos de lixo dentro de uma caixa de sabão em pó - que nem mesmo é vendido no estado.

Os corpos foram encontrados às margens da Estrada Porto das Tranqueiras, no bairro Lomba Grande, localizado na região rural de Novo Hamburgo. Segundo testes de DNA realizados durante a investigação, descobriu-se que as vítimas eram um menino de 8 anos de idade e uma menina de 12, com material genético compatível pelo lado materno. As cabeças, no entanto, nunca foram encontradas, e apesar de as digitais terem sido recolhidas, as identidades das vítimas permanecem desconhecidas até hoje. Acredita-se que as crianças não tenham cadastro e que não sejam naturais do Rio Grande do Sul.

Ao fim de 2017, o delegado Rogério Baggio entrou de férias e quem assumiu temporariamente o caso foi Moacir Fermino. Durante sua condução, quatro pessoas foram presas e três estavam sendo procuradas, todas suspeitas de participação em um ritual satânico em busca de prosperidade financeira, em função do qual o crime teria sido realizado. A informação que se espalhou na época era a de que dois homens haviam pagado cerca de 25 mil reais para a realização do ritual, incluindo o assassinato das vítimas. Neste ponto, é interessante pontuarmos as similaridades deste caso com a da reportagem a ser analisada por esta monografia: ambos tratam de assassinato e mutilação de crianças e envolvem suspeitas de rituais religiosos.

Crimes como estes rapidamente atraem grande atenção do público, por romperem com diversos limites morais de uma sociedade e possuírem grandes fatores de notabilidade. Se analisarmos de acordo com os registros de notabilidade de Adriano Duarte Rodrigues (1993), este caso, até então, se caracteriza pela inversão: quando há uma inversão da lógica, o contrário da expectativa, o absurdo. Consideramos que as crianças devem ser cuidadas e protegidas com um zelo ainda mais reforçado do que com qualquer outro indivíduo. Essa quebra de expectativa gera a inversão.

Mas, é apenas com as novas descobertas do caso que outros registros de notabilidade vão aparecendo: ao retornar de férias, Rogério Baggio descobre que o delegado substituto Moacir Fermino forjou os indiciamentos dos sete suspeitos, com relatos falsos de um informante de nome Paulo Sérgio Lehmen, oferecendo vantagens às testemunhas que colaborassem com a versão defendida pelo delegado e utilizando de relatórios de inspeção com informações falsas. O delegado Fermino, o informante e o inspetor foram indiciados pela Corregedoria-Geral da Polícia. Neste ponto, podemos identificar o aparecimento do registro da “falha”, ou seja, a insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos (Rodrigues, 1993).

O caso, no entanto, assume o caráter de meta-acontecimento, ou seja, um acontecimento provocado pela própria existência do discurso jornalístico (Rodrigues, 1993), já que as condenações forjadas resultaram na autopromoção do delegado - Fermino ganhou uma matéria biográfica na GaúchaZH que o apresentava como um homem religioso e íntegro -, além de se aproveitar do estigma contra o culto religioso do acusado para lhe conferir a culpa dos assassinatos. O líder do templo revelou mais tarde à imprensa que Fermino alegava “ser Deus” e que dizia ter como missão “prender Satanás”.

As violações de direitos fundamentais na cobertura do caso das crianças esquartejadas de Novo Hamburgo foram inúmeras (Dias, 2020), transgredindo não apenas os princípios do jornalismo, mas os dos direitos humanos. O uso exclusivo de fontes definidoras primárias - ou seja, neste caso o delegado de polícia - gerou uma falta de equilíbrio tão deliberada, que os veículos reproduziram por meses as informações falsas que vinham sendo divulgadas pelos oficiais de polícia. É plausível que essa responsabilização seja partilhada com a equipe de investigação, mas tal fato não isenta o erro do jornalista em não ir atrás de escutar os acusados e fornecer uma visão mais ampla do caso. O líder do templo só foi convidado a dar entrevista para a GaúchaZH após os indiciamentos.

As fontes podem dizer o que quiserem, mas a responsabilidade sobre o que é divulgado e como algo é noticiado, permanece sendo do jornalista; afinal, é preciso ter consciência das escolhas que resultam na narrativa de uma matéria se quiser que o jornalismo seja um espaço de defesa e não violação dos direitos (Dias, 2020). Em especial no jornalismo que cobre o crime e a segurança pública, é necessário que a informação mantenha uma relação intrínseca com a realidade objetiva, para

que não favoreça determinado grupo em detrimento de outro, oferecendo assim, um quadro amplo e não distorcido sobre o que acontece (Lago, 2014).

Vale ressaltar, ainda, que não estou defendendo o equilíbrio cego entre duas partes de qualquer história, afinal mesmo o equilíbrio pode ser um problema, já que tratar duas vozes como equivalentes pode não ser a melhor forma para alcançar a verdade, se, de fato, as partes não tiverem o mesmo peso (Kovach; Rosenstiel, 2001). Temas que abordam direitos civis, tais como homofobia, racismo, machismo, pedofilia, violência física ou psicológica, exploração sexual, dentre outros, exigem que o jornalista não seja imparcial, já que é seu dever ético defender os direitos humanos e civis por meio de seu exercício profissional. Assim, essas práticas são inaceitáveis e violam os direitos humanos; portanto, o jornalismo, ao abordar tais casos, não somente deve relatá-los, mas “buscar um tipo de angulação que vá além, que faça a crítica e ajude na discussão e mobilização social” (Reginato, 2016, p.227).

Crime e violência são as facetas mais facilmente identificáveis do fenômeno da segurança pública e são os tópicos que mais aparecem no discurso público quando se trata desse fenômeno e, por isso, precisam ser considerados. O que sugiro aqui é que, ao cobrir esses dois tópicos, o jornalista tente *reconstruir as teias complexas que conformam o crime e a violência e ajude o leitor a expandir seu conhecimento* sobre o assunto para além da mera informação de ocorrências relatadas pelas fontes oficiais. (Dias, 2020, p. 136)

Com base nos apontamentos dos autores escolhidos para a fundamentação bibliográfica dos papéis e finalidades do jornalismo na sociedade, a construção de narrativas e incorporação do crime no discurso jornalístico, podemos identificar quais movimentos devem ser adotados pelos profissionais da área visando a consolidação de um jornalismo que informa com qualidade e fornece as informações necessárias para que o espectador possa ter uma visão ampla sobre os acontecimentos do mundo e, a partir deles, exercer a cidadania. Avançando na discussão dos papéis sociais do jornalismo e sua aplicabilidade no jornalismo de crime, passaremos a debater o fenômeno do sensacionalismo em suas diversas manifestações na imprensa.

### 3 SENSACIONALISMO: A INFORMAÇÃO REDUZIDA A PRODUTO

Neste terceiro capítulo, irei abordar as manifestações do sensacionalismo enquanto fenômeno jornalístico (considerando que esse tema se relaciona com a cobertura de questões envolvendo criminalidade), desde seu surgimento, supostamente concomitante ao da imprensa, até os dias atuais, a partir da escalada tecnológica que modificou as funções midiáticas. Além disso, buscarei entender a lógica entre mercado e jornalismo e como o processo de mercantilização afeta a prática jornalística. A presença da espetacularização na televisão também é um dos pontos a serem estudados, a partir da introdução de novas ferramentas, que configuram uma nova linguagem, a diferindo do jornalismo sensacionalista de rádio ou texto.

Pensando no caso dos meninos emasculados de Altamira, sobre o qual irei me debruçar nesta monografia, tratar do jornalismo de crime e segurança pública é fundamental, visando investigar as especificidades do sensacionalismo quanto a esta temática e entender o que torna a área criminal aquela com maior prevalência da espetacularização no jornalismo. Buscando fugir de generalizações e julgamentos preconceituosos, também irei discutir o uso da palavra “sensacionalismo” e o impasse conceitual que a envolve, permitindo a estruturação de uma base argumentativa consistente e fundamentada.

#### 3.1 OS PRIMÓRDIOS SENSACIONAIS

É bastante difícil precisar com exatidão quando a imprensa sensacionalista surgiu e em qual momento adquiriu a robustez necessária para se tornar notável. Em parte, isso se deve ao fato de que desde seus primórdios, o sensacional parece ser fator indissociável do jornalismo (Angrimani, 1995). Usar da emoção e do absurdo para fidelizar o público, seja pelo espanto ou pela linguagem acessível, se tornou estratégia dos editores e repórteres da grande mídia desde os mais antigos registros.

Danilo Angrimani, autor de *“Espreme que sai sangue”*, obra simbólica no estudo do sensacionalismo na imprensa, remonta às origens do jornalismo na França com o aparecimento dos primeiros jornais do país entre os séculos XVI e XVII: o *Nouvelles Ordinaires* e o *Gazette de France*. O *Gazette* já se parecia com os

jornais sensacionalistas da atualidade, trazendo *fait divers*<sup>9</sup> fantásticos e notícias sensacionais. Além disso, Angrimani (1995, p.19) também lembra os “canards”, consumidos na França no século XIX: “jornais populares de apenas uma página, impressos na parte frontal e que comportavam título, ilustração e texto”. Os mais procurados eram os que relatavam *fait divers* criminais (Angrimani, 1995). Não somente se tratavam de infrações da lei, mas continham tortura explícita e violência extrema.

Componente essencial para a narração sensacional, o absurdo é tratado recorrentemente na mídia, sem necessariamente resultar em um conteúdo sensacionalista. Mas então, o que caracteriza o jornalismo sensacional? Para Marcondes Filho (1986), o sensacionalismo é um nutriente psíquico e desviante ideológico, sendo uma prática resultante da mercantilização do jornalismo e da produção de notícias. O autor, na verdade, assume uma postura bastante crítica ao jornalismo, enquanto produto de uma sociedade com ideais capitalistas: “notícia é a informação transformada em mercadoria com todos seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais” (Marcondes Filho, 1986, p.13).

Já Muniz Sodré (2009) avalia que a manipulação da notícia e o propagandismo são irrupções maléficas em uma consciência jornalística, que é, essencialmente boa, mas que não está imune às pressões do mercado de entretenimento, ao enfraquecimento institucional dos métodos de verificação ou à dificuldade em manter o rigor da “realidade objetiva<sup>10</sup>” previamente pactuada com o público. Angrimani (1995) propõe uma definição de sensacionalismo que se assemelha à de Sodré (2009), onde o fato jornalístico não é, por si só, manipulador, mas tornado sensacional em uma circunstância em que não merecia esse tratamento:

Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de um noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional. O termo “sensacionalista” é pejorativo e convoca a uma visão negativa do meio que o tenha adotado. Um noticiário sensacionalista tem a credibilidade discutível (Angrimani, 1995, p. 16).

---

<sup>9</sup> *Fait divers*: é uma rubrica sob a qual jornalistas publicam notícias de gêneros diversos (Angrimani, 1995), que ganham noticiabilidade devido sua excepcionalidade e despautério.

<sup>10</sup> Realidade objetiva: a realidade dos fatos independentemente da visão e interpretação subjetiva dos indivíduos.

Além da exploração da emoção e do sentimentalismo (Marcondes Filho, 1986), Angrimani (1995) também explica que há outras características próprias de uma publicação sensacionalista, bem como a inadequação entre manchete e texto, manchete e foto, texto e foto ou manchete, texto e foto. Na dinâmica do jornalismo enquanto negócio, a manchete adquire uma importância ímpar, já que é ela a responsável por atrair a atenção do público e convencê-lo a ler a notícia até o final: “a manchete deve provocar comoção, chocar, despertar a carga pulsional dos leitores. São elementos que nem sempre estão presentes na notícia e dependem da “criatividade” editorial” (Angrimani, 1995, p.16). Tais elementos de convencimento tratam-se do caráter mercantil do jornalismo, sobre o qual iremos discorrer a seguir.

### 3.2 A MERCANTILIZAÇÃO DO JORNALISMO

O avanço da mídia nos meios eletrônicos acentuou ainda mais a conexão da imprensa com a organização capitalista do mercado (Sodré, 2009), sendo assim, torna-se ainda mais importante atribuir comoção ao produto jornalístico, além de tornar conhecimento público até mesmo os fatos rotineiros da vida pessoal. A crescente disseminação de conteúdos apelativos e exploração de intimidades faz com que os shows espetaculares ganhem ainda mais espaço nos meios de comunicação (Negrini; Tondo, 2009). Para Sodré (2009, p. 52), este processo “diminui a sistematização cognitiva da informação, e o jornalismo pactua semioticamente com a produção de entretenimento”.

O jornalismo apresentado enquanto entretenimento tende a esvaziar a crítica e a transformar o fato social em diversão: omite-se mostrando, preenche a programação com nada, é a concretização do esvaziamento cultural (Marcondes Filho, 1986). Tal esvaziamento é sintomático de uma sociedade que preza pela aparência e não pelo conteúdo, o espetáculo torna-se a negação visível da vida (Debord, 1967). Em sua obra “*A Sociedade do Espetáculo*”, o escritor francês Guy Debord elabora um ensaio político em 221 teses que utilizam das concepções de Karl Marx em “*O capital*” para estruturar uma crítica à reprodução da realidade através de imagens tratadas como mercadorias e a consequente substituição da realidade pela reprodução na sociedade de consumo, resultando na fabricação de uma alienação irrestrita dos entes sociais.

Foi Debord (1967) que conceituou a expressão “espetáculo” no âmbito político e na comunicação e, segundo ele, o espetáculo surge a partir da perda de unidade do mundo, com a separação entre indivíduos e suas próprias individualidades, por que a realidade da sociedade do espetáculo não é a mesma do “mundo real” e nem está contida neste: é um mundo à parte, que apenas pode ser contemplado e nunca vivido, já que é a inversão concreta à vida. O autor explica: “o espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar em excessos” (Debord, 1967, p. 171).

Apesar de partir das mesmas bases marxistas de pensamento que Marcondes Filho utilizou em “*O capital da notícia*”, Debord enxerga a mídia enquanto possuidora de uma “natureza indiscutivelmente boa”, apesar de seus excessos e falhas. A mídia é canal para a unificação da realidade virtual<sup>11</sup>, já que transmite imagens, mas tem como mote comunicar e seu desvio de função é obra do modelo contemporâneo da vida dominante, criando uma relação de retroalimentação entre real e espetáculo no processo de alienação.

A espetacularização exacerbada da sociedade não somente nos separa da realidade, como interfere nas nossas percepções acerca dos fatos e altera nossa relação com o mundo. Marcondes Filho (1986) propunha que o jornalismo dilui o potencial crítico e disruptivo das notícias, tornando-as de mais fácil digestão para o grande público, o que pode ser denotado há séculos. Os *fait divers*, apesar de acentuarem o ilícito e a morte, eram consumidos nos momentos mais simples do cotidiano, enquanto uma refeição era feita ou à caminho do trabalho (Angrimani, 1995).

Mesmo possuindo certa autonomia quanto à escolha de quais pautas irão configurar na primeira página ou qual narrativa será escolhida para abordar um fato, é essencial levar em conta as demandas da indústria cultural, que não são independentes e obedecem a uma série de fatores sociais e históricos, sendo responsáveis pelas condições de produção tanto quanto a mídia (Amaral, 2005). Para Negrini e Tondo (2009, p.7), “a cultura de massa se dá como produto intermediário entre a produção e consumo”, ou seja, mesmo que obedeça uma série de finalidades esperadas do *ethos* jornalístico, a notícia ou reportagem exige uma

---

<sup>11</sup> Realidade virtual: é a realidade criada a partir da reprodução de imagens, uma visão cristalizada do mundo que surge no processo de mercantilização da vida (Debord, 1967).

preparação entre narrativa, manchete e fotos, que vá agradar a maioria do público consumidor do respectivo veículo, tornando evidente a pulsão do mercado sob a atividade jornalística.

Na visão crítica de Marcondes Filho (1986), o jornalismo não é uma reprodução fiel dos fatos, afinal a função política de seu encargo na sociedade mercantil é a de redimensionar os acontecimentos de acordo com orientações ideológicas específicas. Neste ponto, podemos traçar um paralelo bastante próximo das ideias defendidas pelo autor de “*Capital da Notícia*” e as teses de Debord:

O mundo que o jornalismo recria é, portanto, um outro mundo com outros fatos e outra atribuição de importância, que já não tem muito a ver com a realidade. É um mundo forçado, cristalização ideológica da realidade que seus produtores almejam e situam como ótima. (Marcondes Filho, 1986, p. 51)

As ferramentas utilizadas pelo jornalista para direcionar a opinião pública, de fato, são inúmeras, ao ponto que o editor pode escolher qual enfoque traduz melhor seu ponto de vista ou o do público-alvo e isso, tende a influenciar de forma relevante a percepção do público sobre seus os acontecimentos e seus significados (Marcondes Filho, 1986). Denota-se, ainda, uma perceptiva diluição dos princípios jornalísticos na prática de prestação de serviço, causando um deslocamento no papel do espectador: de cidadão para consumidor, visando manter sua imprescindibilidade junto à sociedade (Amaral, 2005). Na atualidade, com o advento da internet e livre circulação de informações por meio de plataformas, redes sociais ou blogs, a lógica de monetização do jornalismo e das notícias mudou drasticamente, tomando proporções que dificilmente poderiam ser previstas por esses autores.

Quando tratamos do aparato audiovisual da televisão, como é o caso da reportagem que será analisada neste trabalho, o suporte da imagem e som o tornam um objeto de estudo ainda mais complexo (Negrini; Tondo, 2007).

### 3.3 SENSACIONALISMO NO JORNALISMO TELEVISIVO

A partir da entrada da televisão em nossas casas, as pessoas passaram a se relacionar com a realidade do mundo de forma mais profunda e imersiva. O fluxo de informação contínuo dotado de voz e imagem fala diretamente com o público, que

assiste do sofá, absorvendo e interpretando o máximo possível dos fatos. A televisão assume protagonismo ímpar dentre os meios de comunicação, pois, para milhões de pessoas, sua tela é a única janela para o mundo (Porcello, 2006). Fundindo a linguagem do cinema, com a narrativa oral do rádio e o texto do impresso, sua comunicação torna-se mais espontânea (Porcello, 2006) e fluída, o que potencializa sua influência junto ao público.

Segundo Porcello (2006), os telejornais brasileiro seguem os mesmos moldes do telejornalismo estadunidense, ou seja, o âncora introduz a matéria com a cabeça<sup>12</sup> e, então, começa o vídeo (ou VT), feito pelo repórter. O padrão é, quase sempre, o mesmo: a voz do repórter sob imagens dos fatos é o *off*, o repórter aparecendo na tela em plano americano é a passagem e as entrevistas em que o repórter pergunta diretamente à fonte são as sonoras (Porcello, 2006). O autor também define os diferentes blocos que constituem um noticiário telejornalístico: vinheta de abertura, escalada de notícias, bloco de notícias e vinheta de encerramento.

Apesar de, neste subcapítulo, estarmos abordando o sensacionalismo no telejornalismo, vale ressaltar que seria um equívoco afirmar que todo jornalismo feito na televisão é uma tentativa deliberada de manipulação do público. Independentemente do suporte técnico, o jornalismo deve se ater aos seus elementos básicos e papéis sociais. O que existe, na realidade, é uma intenção das emissoras de televisão em ganhar a atenção do público e fidelizá-lo, “evitando que perca o interesse e mude de canal” (Porcello, 2006, p. 81).

É indiscutível a influência da TV na formação de opinião por parte do público. Mais do que informar, ela forma conceitos e opiniões. E todos querem ter uma opinião formada sobre os assuntos do dia-a-dia. Ninguém, do mais culto ao que tem menos formação, quer passar por desinformado ante os fatos que estão em discussão no cotidiano das pessoas. (Porcello, 2006, p. 82)

É verdade, no entanto, que a televisão, por valer-se de artifícios ainda mais variados do que o rádio ou o jornal impresso, dispõe de uma infinidade de possibilidades na apresentação dos fatos, tornando ainda mais comum o uso de linguagens sensacionais e de excessos. Sabemos, com base nos autores que vimos até aqui, que o sensacionalismo é uma maneira diferente de transmitir a informação.

---

<sup>12</sup> Termo utilizado no jornalismo para se referir ao texto que introduz a matéria, logo antes da reportagem ir ao ar.

Sendo assim, nenhum veículo - neste caso, emissora - está imune ao seu aparecimento; afinal, “mesmo um telejornal não-sensacionalista pode ter em alguns momentos de sua produção, momentos sensacionalistas” (Angrimani, 1995, p. 41).

Tratando-se de um canal de comunicação que é reconhecido por sua relação intrínseca com o entretenimento, a televisão é aglutinadora de diferentes classes sociais e, ao promover conhecimento e informação, é propulsora de debates sociais em larga escala (Negrini; Tondo, 2007). Mas para Marcondes Filho (1986), se o jornalismo por si só já é um reafirmador de classe, a televisão eleva seu potencial de falseamento ainda mais: “na televisão manipula-se com mais facilidade na escolha dos temas, no espaço que lhes é destinado, no destaque, no enfoque e até mesmo na expressão do apresentador” (Marcondes Filho, 1986, pg. 52).

O autor ainda vai além ao afirmar que a televisão usa da ilusão da verdade para aprimorar seus métodos de manipulação, ou seja, já que veicula as cenas dos acontecimentos e isso pode gerar um sentimento de verdade absoluta - “estou vendo com meus próprios olhos” - logo, não teria como ser mentira. Em uma de suas críticas à sociedade do espetáculo, Debord (1967) aborda justamente esta questão: “no plano das técnicas, a imagem construída e escolhida por outra pessoa se tornou a principal ligação do indivíduo com o mundo que, antes, ele olhava por si mesmo” (Debord, 1967, p. 188). A partir daí, pode-se traçar um paralelo entre o conceito de ilusão da verdade, apresentado por Marcondes Filho (1986), e as teses de Debord, que conclui, já em 1967, que vivemos em uma sociedade onde não se pode acreditar em nada que não se tenha visto diretamente. Com o passar dos anos, este debate se tornou ainda mais complexo.

Na atualidade, a TV tem passado por contínuas mudanças na sua programação e no seu modo de focar os conteúdos apresentados, que implicam na exaltação de programas com conteúdos espetacularizados e, algumas vezes, sem relações com o contexto social. A espetacularização é um ingrediente presente inclusive na grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas que apresentam características semelhantes a de grandes shows como forma de chamar a atenção do público (Negrini; Tondo, 2007, p. 1).

Em artigo publicado em 2007, Michele Negrini e Romulo Tondo analisaram o aparecimento da espetacularização e sensacionalismo em dois programas

telejornalísticos brasileiros: o Linha Direta<sup>13</sup>, da Rede Globo; e o Brasil Urgente<sup>14</sup>, da Bandeirantes. Os autores tratam ambos os programas enquanto híbridos de jornalismo e dramaturgia, destacando suas características sensacionais para ponderar sobre o jornalismo criminal no âmbito macrossocial.

Sobre o Linha Direta, os autores destacam a fórmula utilizada para o encadeamento de informações e a comparam com um “ritual”, onde a vítima é apresentada juntamente de relatos que comprovem seu bom caráter. Em contrapartida, o criminoso é introduzido de forma estritamente oposta à vítima: seu histórico não deixa dúvidas quanto à sua periculosidade. Este é um dos artefatos utilizados há anos no jornalismo criminal. Sodré (2009) diz, inclusive, que a ficção policial nasce do jornalismo: “mas diferentemente da literatura, que inventa linguagem e pode experimentar novas formas, a narrativa de investigação se atém aos conteúdos fabulativos da história, atualizando as modulações míticas da oposição entre o Bem e Mal” (Sodré, 2009, p. 233).

Kovach e Rosenstiel (2001) também defendem que a oposição entre bem e mal no jornalismo pode criar distorções e deturpar a verdade dos fatos. Já o Brasil Urgente, segundo Negrini e Tondo (2007), vai além dos julgamentos narrativos: na imagem do apresentador - neste caso, José Luiz Datena - está um “juiz hábil a avaliar acontecimentos sociais e as atitudes das autoridades competentes” (Negrini; Tondo, 2007, p. 8). A partir da condução do Brasil Urgente, os autores classificam Datena enquanto um exemplo de “apresentador espetáculo” (Negrini; Tondo, 2007, p.8). Os ditos híbridos de jornalismo e dramaturgia foram considerados sensacionalistas na análise de Negrini e Tondo (2007) ao envolverem emoções e tratarem temas como violência e morte de forma simplista, sem contextualização ou apuração detalhada.

Neste sentido, podemos denotar um jornalismo criminal que pretende assumir funções que fogem de sua alçada: os julgamentos destes casos são de responsabilidade do Poder Judiciário e a punição deve ser executada pelas polícias competentes (Negrini; Tondo, 2007). A partir de tais reflexões, a discussão que

---

<sup>13</sup> Programa jornalístico da TV Globo que consiste em apresentar casos criminais brasileiros e localizar foragidos da Justiça. Sua primeira versão estreou em 1990, sob apresentação de Hélio Costa. O programa também já foi comandado por Marcelo Rezende, entre 1999 e 2000; e Domingos Meirelles, entre 2000 e 2007. No ano de 2023, o programa voltou a ser exibido com apresentação de Pedro Bial.

<sup>14</sup> Noticiário jornalístico da Bandeirantes com apresentação de casos policiais diários, com apresentação de José Luiz Datena. Está no ar desde 2001.

surge é a dos limites para um jornalismo de crime que comumente é utilizado para extrapolar as barreiras do bom senso e cativar um público tratado como consumidor. Como vimos anteriormente, a área de segurança pública e crime, por abordar temas com muitas peculiaridades de ordem social e histórica, requer uma abordagem aprofundada. Qualquer atuação jornalística que se difira disso, pode ser questionada.

### 3.4 LADO A LADO: JORNALISMO DE CRIME E SENSACIONALISMO

No capítulo anterior desta monografia, já pudemos abordar o jornalismo de crime e suas principais características, bem como quais critérios deve atender para cumprir com suas finalidades. O crime, por ser, quase que por definição, notícia, se torna pauta diária nos noticiários e muito dificilmente pode ser dissociado do processo informativo. Dias (2020) estabeleceu uma série de condutas ideais a serem adotadas pelos jornalistas da área de Segurança Pública. Mas, a partir da análise de Negrini e Tondo (2007) sobre o Brasil Urgente e o Linha Direta, percebe-se que, na prática, o método espreme que sai sangue é muito mais recorrente do que se imagina.

Por possuir grande noticiabilidade, o crime é mercadoria extremamente lucrativa para os jornais e noticiários. Quanto mais absurdo e dramático for, mais tempo de tela ganhará, impulsionado por um público ávido por detalhes sórdidos e um desfecho satisfatório. Segundo Marcondes Filho (1986), esse tipo de jornalismo cria, junto de seu espectador, um fundo sócio psicológico baseado na moral, no tabu, na repressão sexual e na liberação de tendências sádicas: tudo que extrapole o corriqueiro e se relacione com o trinômio escândalo-sexo-sangue<sup>15</sup>, automaticamente se torna pauta interessante para um jornal sensacionalista.

Mas o que torna os jornais sensacionalistas e espetacularizados tão populares? Ao refletir sobre esta questão, Angrimani (1995) propõe uma problematização sobre o raciocínio a seguir: espectadores assíduos de noticiários sensacionais possuem uma formação cultural mais precária, enquanto os indivíduos mais intelectualizados tendem a preferir a informação apresentada de forma mais moderada e sóbria. Neste aspecto, tal ponto de vista é considerado problemático e,

---

<sup>15</sup> Trinômio escândalo-sexo-sangue: para Marcondes Filho, os três níveis de maior enfoque de um jornal sensacionalista. (Marcondes Filho, 1986)

mais à frente, será aprofundado a partir do debate sobre o conceito de sensacionalismo, que “já não tem servido pela sua amplitude, pelos equívocos técnicos que normalmente o acompanham e pelas novas formas de popularização” (Amaral, 2005, pg. 1).

Angrimani critica o raciocínio proposto por ser demasiado simplório e que não oferece uma explicação esclarecedora, visto que a morte enquanto espetáculo é interesse comum a qualquer indivíduo, independentemente de sua classe social, nível de alfabetização ou organização cultural. A linguagem é o que marca a decisão entre o jornal sensacionalista e o jornal sóbrio<sup>16</sup> e ela diz respeito às imagens e cenas escolhidas para ilustrar uma matéria, a manchete que resume o fato, o estilo do texto e a busca pelo equilíbrio entre tais elementos. Sendo assim, o interesse dos espectadores de ambos jornais é o mesmo, o que muda é a linguagem (Angrimani, 1995).

Na atualidade, as crescentes reivindicações acerca de uma maior transparência do jornalismo e comprometimento com o fortalecimento da cidadania fizeram com que muitos noticiários amenizassem sua linguagem e buscassem uma imagem mais objetiva. Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007) constata logo na abertura de “*Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*”, que a imprensa, com o passar dos anos, têm aprimorado o tratamento de temas relacionados à segurança pública e violência. As autoras destacam o depoimento de Luarlindo Ernesto Silva, o mais antigo jornalista em atividade pelo O Dia:

A abordagem dos assuntos mudou muito. Hoje a ordem é ‘esqueçam o cadáver’... Mostrem o que está em volta do cadáver, isso é que é importante atualmente. Essa é uma mudança violenta. Nos anos 50, e isso foi assim durante muito tempo, era proibido voltar para a redação sem o ‘boneco’. O boneco da vítima, a foto. Se voltasse sem o boneco, era melhor não voltar. Se não tivesse a foto do rosto do morto, tinha que ter imaginação para pegar a foto com a família, do álbum de casamento, da parede da casa, de onde fosse. E às vezes tinha que mentir, dizer para a família que isso ia ajudar na investigação. (Silva, 2007, p. 16).

Em texto para a pesquisa de Ramos e Paiva (2007), o jornalista Fernando Molica também traça um comparativo entre o jornalismo de crime da atualidade e o

---

<sup>16</sup> Jornal sóbrio: Angrimani caracteriza o jornal sóbrio como aquele que se afasta do sentimentalismo e da violência escrachada. Não é um exato oposto ao jornal sensacionalista, mas uma posição editorial que busca evitar o sensacional. (Angrimani, 1995)

de antigamente. Segundo Molica (2007), durante os anos 50 e 60, era muito comum o uso de apelidos para se referir aos criminosos, como, por exemplo, “Mineirinho<sup>17</sup>” ou, mais recentemente, o “Maníaco do Parque<sup>18</sup>”. Os apelidos popularizaram os casos e os tornavam de fácil identificação junto ao público, ou seja, um método puramente mercadológico. Tal mecanismo reforçava, junto às massas, a lógica do inimigo público número um: “é quando, por exemplo, a morte do chefe do comércio de drogas de uma favela é tratada como um ponto-final nos problemas daquela área e não como uma simples passagem de poder” (Molica, 2007, p. 37).

Ou seja, o crime era visto como um caso isolado e não um processo de conexões sociais (Molica, 2007), o que contribuía para a personalização do crime e levava milhares de pessoas a comemorar a morte de um malfeitor destacado pela mídia. A execração individualizada e o endeusamento de entes sociais são identificados por Marcondes Filho (1986) como formas de diluir um discurso crítico e político, apresentando uma informação descontextualizada e mantendo “seus verdadeiros suportes, as classes e agrupamentos estruturais maiores, totalmente distantes dos fatos e de suas implicações” (Marcondes Filho, 1986, p. 46).

A disparidade no tratamento entre fontes de diferentes capitais sociais e posições de poder, assim como já abordada por Dias (2020) e citada nesta monografia, é novamente uma problemática destacada no jornalismo de crime. Ramos e Paiva (2007) concluem, por meio das entrevistas realizadas em sua pesquisa, que os jornalistas têm ciência da diferença na abordagem de um acusado de baixo poder econômico, desprotegido e sem representação legal; da de um acusado de classe alta, que, além de deter boas condições financeiras para arcar com os custos de um processo criminal, possui uma rede de influência em que se apoia.

Com o advento da mídia e o fortalecimento das normas jornalísticas esperadas pelos profissionais da notícia em meio às redações, Ramos e Paiva (2007) observam uma melhora nos padrões do jornalismo criminal. A extinção da editoria de polícia nos principais diários brasileiros fez com que os repórteres da área geral passassem a cobrir matérias de segurança pública o que, para as

---

<sup>17</sup> José Rosa de Miranda, também conhecido como “Mineirinho”, foi um assaltante brasileiro responsável por uma série de atentados contra a Polícia Militar do Rio de Janeiro na década de 1960. Chegou a ser considerado o “inimigo número um da polícia carioca”.

<sup>18</sup> Francisco de Assis Pereira, também conhecido como “Maníaco do Parque”, é um assassino em série brasileiro condenado por estuprar e matar onze mulheres entre 1997 e 1998 no município de Guaraci, em São Paulo.

autoras, é positivo dada a maior integração de casos de criminalidade com outras áreas, como educação, saúde ou cultura. A partir daí, pode-se perceber uma maior exigência na preparação do jornalista, que deve estar mais atualizado e apto a lidar com uma diversidade de temas (Ramos; Paiva, 2007).

É importante reforçar a necessidade dos profissionais que cobrem a área de segurança pública em possuir uma formação diversa e aprofundada (Dias, 2020), dando conta dos pormenores que envolvem apresentar uma realidade tão complexa quanto a do fenômeno da criminalidade nos dias atuais. Mesmo com os importantes avanços percebidos ao longo das últimas décadas, o jornalismo de crime ainda se atém prioritariamente às ocorrências do dia a dia, sem a devida contextualização das realidades sociais por trás dos fatos e negando sua capacidade em pautar amplos debates na sociedade (Ramos; Paiva, 2007). Promover a discussão de temáticas de grande relevância social e zelar pelo comprometimento às finalidades do jornalismo é um caminho para se distanciar das práticas mercadológicas criticadas por Marcondes Filho (1986) e consolidar um *ethos* jornalístico que não é esvaziado de conteúdo e possui voz atuante em meio aos conflitos políticos e sociais.

### 3.5 SENSACIONALISMO E O IMPASSE CONCEITUAL

Neste capítulo, abordamos as manifestações sensacionalistas no jornalismo sob diversas perspectivas, identificando seu aparecimento, causas e efeitos. Desde os primeiros registros do exercício jornalístico, denota-se a presença do sensacional e do espetáculo, o que leva estudiosos a acreditarem que esse tipo de linguagem surgiu concomitantemente ao jornalismo. Porém, o uso do conceito “sensacionalismo”, após ser popularizado e incorporado em diversos discursos críticos, não mais representa o fenômeno em si, mas uma “percepção do fenômeno localizada historicamente” (Amaral, 2005, p.2).

Em vista disso, a categoria “sensacionalismo”, usada pejorativamente para se referir a um dado veículo de mídia, é mais uma caracterização atrelada ao segmento popular da imprensa do que uma crítica aos produtos sensacionalistas. Temos um impasse conceitual, já que, segundo Amaral (2005), há motivos para suspeitar que a expressão perdeu seu poder explicativo e, de tão utilizada, tornou-se esvaziada de significado. Sodré (2009) também enfatiza a baixa valia conceitual da

categoria, já que não apresenta um fenômeno “todo estranho a um jornalismo presumidamente ‘não-sensacionalista’” (Sodré, 2009, p. 222):

Na verdade, é frequentemente usada como um pré-juízo negativo sobre as formas expressivas da imprensa popular, traduzindo uma tensão entre essas últimas e o discurso informativo, muito menos narrativo, predicado pela imprensa “burguesa”, ou voltada para as camadas sociais de renda elevada. Mas o fato é que, desde o princípio da imprensa moderna, verifica-se uma conexão estreita entre o texto mais impostado e o dramatismo que veste narrativamente as notícias de crimes, catástrofes e acontecimentos insólitos (*fait-divers*, em francês). (Sodré, 2009, p. 222)

A visão consensual que se tem do sensacionalismo é a de um jornalismo que se vale da superexposição da violência, imagens chocantes e sanguinolentas, com manipulação deliberada, linguagem coloquial e um enfoque reducionista (Amaral, 2005). A partir dessa percepção e dos pré-juízos envolvendo a imprensa popular já ressaltados, Amaral (2005) destaca que há uma noção equivocada da própria atividade jornalística, já que se espera que a notícia chegue ao público como uma reprodução transparente dos fatos. Neste momento, é importante reafirmar que, apesar de sua obrigação em ser o mais fiel possível aos fatos objetivos que se propõe a reconstruir (Kovach; Rosenstiel, 2001), o jornalismo ainda é uma construção social.

Muitas críticas aos exageros e às distorções da imprensa popular, pertinentes do ponto de vista ético, caem no outro extremo de imaginar possível uma notícia límpida que faça os fatos transparecerem tal como aconteceram. Ora, as notícias não emergem naturalmente do mundo real para o papel, não são simplesmente o reflexo do que acontece. São redigidas a partir de formas narrativas, pautadas por símbolos, estereótipos, frases feitas, metáforas e imagens (Amaral, 2005, p.3).

Ponderar sobre os preconceitos que circundam o debate do sensacionalismo, no entanto, não é eximir-se de postura crítica ao jornalismo popular, mas sim entender quais contextos sociais e matrizes culturais estão relacionadas ao uso dessa linguagem. Assim como já mencionado anteriormente, mesmo habitando uma mesma sociedade, os indivíduos ainda partem de diferentes mapas culturais (Hall et al, 1993) e a estruturação do discurso narrativo não é independente destes mapas, pois surge de acordo com inúmeras condições sociais e históricas e se valem de uma visão antecipada do campo da recepção para se conectar com o mundo do espectador de forma profunda (Amaral, 2005).

Ainda nesse viés, Amaral (2005) introduz dois conceitos elaborados pela autora estadunidense Elizabeth Ellsworth, que busca explicar como as diferenças sistêmicas, sociais e culturais atuam na dinâmica entre endereço e resposta: os Lugares de Fala e os Modos de Endereçamento. Os Lugares de Fala são construídos a partir da visão antecipada do público receptor, quando define-se qual linguagem se adapta melhor e quais informações ou detalhes são consideradas indispensáveis pelo público-alvo do jornal e, assim, são gerados os Modos de Endereçamento (Ellsworth, 2001 *apud* Amaral, 2005), estratégias que possibilitam se comunicar com determinados grupos sociais mais facilmente, por meio de diferentes escolhas editoriais.

A prática denunciata é um dos Modos de Endereçamento citados pela autora, que ressalta o tom de julgamento e a punição simbólica do suspeito por meio do discurso jornalístico, antes mesmo do trânsito em julgado da sentença condenatória: “evidencia a preocupação com o espetáculo em detrimento da boa informação e da preservação dos direitos fundamentais” (Amaral, 2005, p.9). Nesta mesma monografia, podemos encontrar um exemplo prático do denunciato: o caso das crianças esquartejadas em Novo Hamburgo, citado e contextualizado anteriormente. Durante o desenrolar do caso, sete suspeitos tiveram seus nomes divulgados pela imprensa, além de uma descrição detalhada do templo onde o crime teria sido executado, que permitiu a identificação do local. Na tentativa de espetacularizar a notícia, o veículo descumpriu direitos fundamentais dos suspeitos e não buscou verificar os relatos dos definidores primários que, posteriormente, foram anulados.

Sendo assim, pode-se firmar um consenso de que, para cumprir com suas finalidades, o jornalismo não deve limitar-se somente a fornecer as informações que supostamente interessam ao público (Lago, 2014), ou seja, basear todo conteúdo e articular seus Modos de Endereçamento exclusivamente com base em uma visão antecipada do campo da recepção. O jornalismo deve ser capaz de diferenciar o interesse humano do interesse jornalístico, já que tudo que é de interesse jornalístico é também de interesse humano, mas não o contrário (Amaral, 2005) e, muitas vezes, é essa a linha tênue entre o bom e o mau jornalismo. No próximo capítulo, avançarei para a apresentação do caso dos meninos emascuados de Altamira, bem como da base metodológica para a análise do corpus empírico. A escolha do corpus empírico também será defendida e, por fim, será analisada de acordo com os respectivos procedimentos metodológicos.

## 4 SOMENTE A VERDADE: METODOLOGIA E ANÁLISE

Este capítulo irá apresentar brevemente os eventos que se sucederam na cidade de Altamira, no Pará, entre 1989 e 1993, caso que ficou nacionalmente conhecido como “os meninos emasculados de Altamira”. A partir dos movimentos metodológicos propostos por Motta (2013), estruturantes da análise pragmática da narrativa - que posteriormente será explicada e contextualizada -, seguirei para a análise do corpus empírico proposto, a grande reportagem “*Emasculados: Seita, mistério e morte em Altamira*”, que também terá sua escolha justificada.

### 4.1 O ACONTECIMENTO: OS MENINOS EMASCULADOS DE ALTAMIRA

Entre 1989 e 1993, na cidade de Altamira, no Pará, quatorze meninos, entre 8 e 14 anos, foram sequestrados, torturados e emasculados: desses, seis foram encontrados mortos, cinco estão desaparecidos até os dias de hoje e três sobreviveram. A brutalidade dos casos fez com que os crimes ganhassem repercussão nacional e internacional. Entretanto, devido à época, parte dos registros jornalísticos se perderam e não estão disponíveis para livre acesso na internet. A reconstrução dos fatos que compõem o caso dos meninos emasculados de Altamira aqui apresentada é feita por meio de pesquisa na dissertação de Lacerda (2012), na monografia de Rodrigues (2010), em matérias jornalísticas que relembram o caso ou que atualizam as informações do processo e o próprio podcast Projeto Humanos, bem como a “Wiki de Altamira”, desenvolvida para facilitar a localização geográfica e temporal dos eventos, dada a complexidade do caso.

Nos próximos parágrafos, irei relatar cronologicamente os eventos que considero mais importantes para um entendimento geral do caso dos meninos emasculados de Altamira. Inicialmente, apresentarei as vítimas dos crimes e os fatos correspondentes a cada uma delas, bem como as movimentações da polícia, as teorias adotadas em diferentes momentos da investigação, os acusados e a visão geral do caso 30 anos após o último crime.

#### 4.1.1 Os crimes

O primeiro caso que se tem notícia é o de José Sidney, 8 anos. No dia 2 de agosto de 1989, o menino se dirigia para um campo de futebol localizado próximo à sua casa para jogar bola com meninos da vizinhança, quando foi abordado por um homem desconhecido que o convidou para procurar aves na mata. José aceitou o convite e, enquanto caminhavam, o homem o agarrou e o jogou no chão, arrancando suas roupas e o sedando. A família informou o desaparecimento de José no mesmo dia, mas nenhum documento de registro foi emitido pela polícia. Algumas semanas depois, as ossadas de uma criança foram encontradas próximas ao antigo aeroporto de Altamira e foram atribuídas à José Sidney; no entanto, seus pais nunca “reconheceram” a ossada, tampouco houve registro de óbito do menino.

Foi somente três anos depois que o repórter da TV Liberal Emanuel Vilaça descobriu que José Sidney havia sobrevivido ao ataque e retornado para casa apenas alguns dias após seu desaparecimento, o nomeando como o “primeiro caso de emasculação de Altamira”. O menino apresentava graves ferimentos na genitália, mas foi tratado em casa por sua mãe. Os pais não denunciaram o crime cometido contra seu filho e não contestaram o erro em relação à suposta ossada, encontrada posteriormente ao retorno de José para casa. A ossada nunca foi identificada.

Outros dois meninos também sobreviveram aos ataques. Lucas<sup>19</sup>, de 10 anos, foi encontrado por um leiteiro em um terreno abandonado no dia 17 de novembro de 1989. O menino havia aceitado um convite para colher mangas de um estranho em uma bicicleta, que, após o trajeto, o sedou com uma “camisa com cheiro forte” e o emasculou. O corpo foi ocultado em uma área típica de Altamira onde o solo argiloso mantém as temperaturas baixas e possui ação cicatrizante, o que permitiu que Lucas sobrevivesse mesmo após os graves ferimentos.

Waldicley Oliveira, de 9 anos, foi o terceiro e último sobrevivente. No dia 23 de setembro de 1990, o menino foi convidado por um desconhecido a retirar uma pipa que havia ficado presa em uma árvore e então, foi vendado, amarrado, sedado e emasculado. Waldicley revelou, em seu depoimento, ter visto pernas de três

---

<sup>19</sup> O segundo sobrevivente pediu para ter sua identidade protegida, portanto, o chamarei apenas de Lucas, um nome fictício.

peças ao seu redor antes de perder a consciência, o que fomentou a hipótese da polícia de que havia mais de um envolvido nos crimes. Mesmo com o sangramento, Waldicley acordou, conseguiu se desamarrar da árvore e pedir ajuda na primeira casa que avistou. A partir da emasculação de Waldicley, ganhou força a ideia de que os cortes eram realizados com “precisão cirúrgica”. Diferentemente do que aconteceu com Lucas, um inquérito policial (IP) foi aberto para investigar o sequestro e tortura praticados contra Waldicley, que, no entanto, não apresentou conclusão satisfatória.

Tito Mendes, de 13 anos, desapareceu no dia 21 de janeiro de 1991 após sair de casa para banhar-se no igarapé. Segundo relatos do Comitê em Defesa da Vida da Criança Altamirense (daqui pra frente, chamarei apenas de *Comitê*), uma mulher viu Tito acompanhado de um homem com traços indígenas nas proximidades do município de Vitória do Xingu. O menino nunca foi encontrado. Um IP referente ao seu desaparecimento foi aberto, mas, segundo os registros, a investigação se restringiu a recolher depoimentos de amigos e familiares de Tito e nunca avançou para descobrir seu paradeiro. A mãe do menino, Dona Zuilda, prestou depoimento onde afirmou ter sido tratada mal pelo delegado ao informar do desaparecimento do filho. Abaixo, a Figura 01 apresenta parte de seu depoimento incluído no processo judicial.

Figura 01 - Declaração de Dona Zilda contida no processo judicial

eive, a declarante possui um filho que esta desaparecida até a data de hoje de nome TITO MENDES VIEIRA, nascido em 22/10/1978; QUE, naquela ocasião o delegado não deu importância ao fato e, ainda comentou que filho de pobre se danava pelo mundo, uma vez que os pais não tinha condições de criá-lo; QUE, devido a esse motivo do desapareci-

(Processo judicial 2002.2.20272063, fls. s/numeração)

Fonte: Paula Lacerda (2012)

Neste momento, fica perceptível a inatividade das autoridades públicas de Altamira durante os primeiros casos de emasculações na cidade; sobretudo, no relato de Dona Zuilda mostrado em seu depoimento no processo judicial, devido às

suas condições financeiras. Por se tratarem de meninos advindos de famílias pobres, a polícia local não buscava aprofundar as investigações, como foi também o caso de Ailton Nascimento Fonseca, de 10 anos, que vendia bebidas, verduras e carvão para ajudar na renda familiar. Ailton desapareceu no dia 5 de maio de 1991 e teve sua ossada encontrada 46 dias depois em uma mata fechada no bairro Mutirão.

Segundo dados do *Comitê*, a mãe de Ailton, Dona Marina, solicitou ajuda da polícia na busca por seu filho no mesmo dia de seu desaparecimento, pedido que foi ignorado. Marina conta em seu depoimento que o delegado a chamou de irresponsável, “já que devia estar esperando caso como este” e que teriam questões muito mais importantes para resolver. Após encontrada a ossada de Ailton, a mãe foi informada de que o corpo teria de ser levado a Belém para perícia. A ossada do menino desapareceu do Instituto Médico Legal de Belém antes de o laudo ser feito e nunca mais foi encontrada. A família sofre até hoje por não ter tido a chance de sepultar Ailton.

Apenas alguns meses após a morte de Ailton, José Carlos Bezerra Gomes, idade não informada, desapareceu. Naquele dia 21 de agosto de 1991, o menino, que ajudava sua família vendendo peças de eletrodomésticos, não retornou para casa. Ao dar falta do filho, a mãe pediu que o avô de José fosse à delegacia. Chegando lá, o homem foi instruído a perguntar para vizinhos e parentes sobre o paradeiro do neto e que só retornasse 48 horas depois, caso José não fosse encontrado. Dois dias depois e ainda sem sinal de José, um registro de seu desaparecimento foi realizado, mas que logo foi arquivado por “falta de evidências”.

No primeiro dia do ano de 1992, Judirley da Cunha Chipaia, de 13 anos, estava em uma confraternização de ano novo em uma chácara próxima ao igarapé Cupiúba, quando desapareceu por volta das 15 horas. Dois dias depois, seu corpo foi encontrado nu, com a garganta cortada, emasculado, com sinais de violência sexual e queimaduras de cigarro no corpo. O menino foi considerado a primeira vítima letal do caso dos emasculados, visto que a ossada de Ailton, encontrada mais de um mês após a morte, estava em estado avançado de decomposição e nunca teve laudo oficial. Mesmo nesta altura das investigações, a polícia ainda não trabalhava com a hipótese de uma autoria comum dos crimes.

A morte de Ednaldo de Souza Teixeira, de 12 anos, em 11 de abril de 1992, também foi incluída como parte do caso dos meninos emasculados, apesar de ter sido encontrado em condições diferentes dos demais: em um poço artesiano, com marcas de escoriações e tortura. O laudo do corpo atesta morte por afogamento. Segundo Lacerda (2012), a inclusão da morte de Ednaldo como parte do caso dos emasculados é explicada por uma estratégia que visava visibilizar a falta de proteção e segurança à infância em Altamira. Foi somente após a morte de Jaenes da Silva Pessoa, de 13 anos, que os crimes passaram a ser tratados como um caso único. A população cobrava as autoridades locais com mais afinco e uma sensação geral de medo era percebida em Altamira.

Jaenes desapareceu no dia 1º de outubro de 1992 após sair para tocar o pasto em um campo próximo de sua casa. Inicialmente, as instruções dadas ao pai do menino foram as mesmas relatadas anteriormente - aguardar 48 horas -, apesar do relativo status social da família de Jaenes, os Gomes, que se estabeleceram em Altamira antes da construção da rodovia Transamazônica e enriqueceram como fazendeiros, políticos e advogados. O corpo de Jaenes foi encontrado três dias depois, com sinais de violência, pulso dilacerado, genitálias extirpadas e sem os globos oculares. No dia do enterro do menino, dada a repercussão de sua morte, diversos membros importantes da comunidade altamirense compareceram, como o prefeito, vereadores, candidatos nas eleições municipais e o vice-governador do Pará à época, Carlos Santos.

A maior atenção dada ao caso dos emasculados a partir da morte de Jaenes não é aleatória. Como dito anteriormente, a família Gomes possuía prestígio na cidade e a pressão popular atingia níveis mais substanciais. Toda a construção do processo judicial foi iniciada a partir da morte de Jaenes, que fica em primeiro plano. Os crimes praticados contra Fernando, Lucas, Waldicley, Ailton e Judirley foram adicionados ao IP de Jaenes, que reuniu quase todos os eventos do caso dos emasculados.

Outra morte seguindo os mesmos padrões já percebidos no caso dos emasculados ocorreu cerca de um mês após o crime contra Jaenes. Klebson Ferreira Caldas, de 12 anos, saiu de casa às 14 horas do dia 13 de novembro de 1992 em sua bicicleta para colher mangas com amigos. Seu corpo foi encontrado quatro dias depois, em local de difícil acesso nas proximidades da rodovia

Transamazônica, com marcas de sevícias e completamente emasculado. A mãe de Klebson afirma, em entrevista para Lacerda (2012), que o delegado negou o registro de desaparecimento do menino após ela revelar não possuir a certidão de nascimento do menino, acusando-a de “forjar” o crime. Também não há, nos autos do processo, qualquer registro de investigação em relação à morte de Klebson, sendo que todas as informações em relação ao menino estão no IP de Jaenes.

Os crimes ficavam cada vez mais frequentes em Altamira quando dois meninos desapareceram em um intervalo de menos de um mês: Maurício Farias de Souza, de 14 anos, foi visto pela última vez no dia 27 de dezembro de 1992, após ir receber dinheiro por sua venda de salgados e Renan Santos de Souza, de 8 anos, desaparecido no dia 24 de janeiro de 1993, após ir nadar no rio Xingu com alguns parentes. As famílias de ambos os meninos procuraram registrar seus desaparecimentos junto à delegacia, mas se depararam com a mesma inércia policial já previamente relatada aqui. Maurício e Renan continuam desaparecidos até os dias de hoje.

A última vítima fatal que se tem registro é Flávio Lopes da Silva, de 10 anos, desaparecido no dia 27 de março de 1993 no caminho para a casa da mulher para quem trabalhava em uma banca de espetinhos. O menino foi encontrado dois dias depois, em um matagal, com marcas de tortura e, diferentemente dos outros casos, estava parcialmente emasculado, tendo o órgão sido retirado com amorosismo, o que difere-se das demais emasculações. As disparidades no *modus operandi* levaram a polícia a concluir no IP que a morte de Flávio não possuía conexão com os demais crimes. De toda forma, o caso acabou sendo incluído no processo judicial.

Última vítima oficial do caso, Rosinaldo Farias da Silva, de 11 anos, desapareceu em 9 de setembro de 1993. O menino deixou sua caixa de engraxate no supermercado Alvorada, onde trabalhava, e nunca foi visto novamente. As autoridades policiais recolheram depoimentos de familiares, mas não houve esforços na busca pelo menino, tendo os pais do garoto sido acusados de negligência e a polícia afirmado que Rosinaldo fugiu de casa em busca de melhores condições de vida.

Vale ressaltar, frente à ineficiência e negligência das autoridades competentes em investigar os crimes, relatadas repetidas vezes pelos parentes dos meninos, que além das 14 vítimas incluídas no processo judicial, há outras 12 prováveis vítimas, dentre ossadas não identificadas e sobreviventes de tentativas de sequestro, sem registro de inquérito policial: cinco destes aparecem tanto na dissertação de Paula Lacerda (2012) como na monografia de Alexandre Rosa de Macedo Rodrigues (2010) e outros sete somente na de Lacerda (2012).

#### 4.1.2 As investigações

As linhas investigativas seguidas pela equipe de polícia de Altamira foram diversas e, muitas vezes, conflitantes. Em 1993, o caso dos meninos emasculados de Altamira foi designado ao delegado Éder Mauro - agora eleito deputado federal pelo Pará na legislatura 2022-2026 -, após atuação da Polícia Federal no mesmo ano; entretanto, os crimes inicialmente não foram associados entre si, o que levou à descentralização das investigações e repetidos arquivamentos por “falta de provas”. Foi o delegado Brivaldo Pinto Soares Filho, responsável por conduzir as investigações do inquérito da morte de Jaenes, que primeiro levantou a hipótese de que os casos eram de autoria comum.

O primeiro acusado pelos crimes contra meninos em Altamira foi Rotílio Francisco do Rosário, um homem de 46 anos em situação de rua, que ficou conhecido na época como “monstro de Altamira”. Ao ser interrogado pelo delegado da Polícia Civil Carlos Augusto de Mota Lima em janeiro de 1992, alegou sofrer de problemas psiquiátricos e ser alcoólatra, não lembrando de seus atos quando sob o efeito de entorpecentes. O homem foi preso após Lucas e Wandicley identificarem Rotílio como o autor dos crimes. Além destes, o homem também foi condenado pela morte de Judirley. Apenas cinco dias após ser detido, Rotílio foi encontrado morto em uma cela que ocupava sozinho no Quartel Geral da Polícia Militar de Altamira, sem sinais de suicídio, em circunstâncias suspeitas e, até hoje, não explicadas. O laudo pericial foi inconclusivo.

Os familiares das vítimas passaram a acreditar que a morte de Rotílio foi uma “cortina de fumaça”, buscando encobrir a real autoria dos crimes, visto que novos casos de emasculação continuaram acontecendo naquele mesmo ano: Ednaldo, em abril; e Jaenes, em outubro. Tendo em vista os últimos eventos, a investigação recomeçou, dessa vez sob o comando do delegado Brivaldo, que recentemente havia chegado na cidade após ser designado para o caso Jaenes. O delegado se depara com um contexto de medo entre a população e desconfiança em relação à polícia.

Desde a morte de Judirley, encontrado em 3 de janeiro de 1992, sua família já suspeitava de Amailton Gomes, filho de Amadeu Gomes, que era primo do pai de Jaenes. As suspeitas em relação ao jovem de 24 anos surgiram após uma caminhonete Pampa na cor vinho ser vista estacionada próxima ao igarapé onde Judirley havia desaparecido. Amadeu possuía um veículo com as mesmas descrições, mas que era utilizado pelo filho, Amailton. Em novembro de 1992, Amailton foi preso no Mato Grosso do Sul e levado a Belém para ser interrogado por Brivaldo.

Em seu relatório final, datado de dezembro de 1992, Brivaldo considerou Amailton culpado pelos crimes cometidos contra José Sidney, Lucas, Wandicley, Ailton, Judirley, Jaenes e Klebson. O delegado não acreditava, no entanto, que Amailton havia agido sozinho em todas as ocasiões. Com os desaparecimentos de Maurício e Renan entre dezembro de 1992 e janeiro de 1993 e a morte de Flávio em março de 1993, todos ocorridos enquanto Amailton estava preso em Belém, algumas dúvidas começaram a surgir; entretanto, a maior parte da equipe da Polícia Civil acreditava que a morte de Flávio não estava relacionada aos demais crimes, devido ao “amadorismo” da emasculação, e que o crime havia sido uma tentativa de desvirtuar a condenação de Amailton.

Os movimentos sociais da cidade passaram a exigir a intervenção da Polícia Federal (PF) em Altamira, após as desconfianças com os agentes locais, sobretudo após a passagem de Brivaldo, que havia sido conturbada. A PF esteve em Altamira entre maio e junho de 1993, mas os relatórios de sua atuação nunca foram disponibilizados. Logo após a saída da PF, o caso voltou à Polícia Civil; desta vez, com o delegado Éder Mauro.

Em julho de 1993, o delegado solicitou a prisão de mais cinco suspeitos, além de Amailton: Amadeu Gomes, os ex-policiais militares Carlos Alberto dos Santos Lima e Aldenor Ferreira Cardoso, e os médicos Césio Flávio Caldas Brandão e Anísio Ferreira de Souza. Carlos Alberto, que já havia sido segurança pessoal da família Gomes, passou a ser investigado após confessar crimes de abuso sexual e agressão para uma conselheira tutelar da região e acusar Amadeu de ser o mandante dos crimes dos emasculados. Já Aldenor havia sido reconhecido por Wandicley como seu sequestrador.

Quanto aos médicos, as suspeitas da população de Altamira vinham em uma crescente devido à convicção generalizada de que as emasculações apresentavam cortes cirúrgicos. Anísio e Césio haviam se mudado para trabalhar em Altamira na mesma época em que os primeiros casos de sequestro e emasculação começaram. Com o início dos interrogatórios, a polícia trabalhava com diversas hipóteses, sendo a teoria de que os acusados formavam uma quadrilha de tráfico de órgãos uma das mais recorrentes, mas que foi descartada após os laudos revelarem que os órgãos retirados não poderiam ser utilizados em transplantes. Foi então que Éder Mauro passou a investigar a seita ufológica Lineamento Universal Superior (LUS), comandada por Valentina de Andrade, que também era suspeita no caso Evandro.

Em setembro de 1993, Valentina também teve sua prisão decretada. Para a polícia, Amadeu e Amailton eram os mandantes do crime e convocaram Valentina para realizar seitas satânicas envolvendo sacrifícios de meninos. Os ex-PMs Carlos Alberto e Aldenor eram responsáveis pela proteção e segurança do grupo e os médicos realizavam as emasculações. As suspeitas em relação à Valentina se tornaram mais contundentes após o delegado tomar conhecimento de que a líder da seita esteve em Altamira durante a década de 1980. Valentina, no entanto, nunca se apresentou para prestar depoimento. A partir daí, os acusados passaram a ser julgados em júri popular.

Enquanto os julgamentos se estendiam durante o início dos anos 2000 no Pará, Francisco das Chagas Rodrigues Brito, mecânico de 39 anos à época, era preso em São Luís, capital do Maranhão, em dezembro de 2003, pela morte de 30 meninos entre 4 e 15 anos; destes, 11 foram comprovadamente mortos e emasculados, enquanto os demais ou estavam em um avançado estado de decomposição quando encontrados os corpos, impossibilitando a identificação da

*causa mortis*<sup>20</sup>, ou nunca foram localizados. As mortes na capital do Maranhão ocorreram entre 1991 e 2003. Em um primeiro momento, Chagas negou todos os crimes, mas com o avanço das investigações e as provas irrefutáveis reunidas, passou a confessar sua autoria nas mortes em março de 2004.

Nesta altura dos eventos, o julgamento de Valentina de Andrade havia sido concluído, resultando em sua absolvição. Amailton, Anísio, Césio e Carlos haviam sido condenados e estavam cumprindo suas sentenças em regime fechado. Então, apenas um mês depois de confessar seus crimes em São Luís, Chagas assumia também a culpa por 11 mortes em Altamira, além das emasculações dos três sobreviventes. Já se sabia que o mecânico havia morado em Altamira entre 1977 e 1994, e em um comparativo de todas as mortes no Pará e no Maranhão, nenhuma data se sobrepunha. Entre junho e julho de 2004, Chagas foi levado à Altamira, onde apontou os locais em que matava os meninos e ocultava os corpos. Em depoimento, o assassino revelou que escutava vozes que diziam para matar as vítimas e que queria voltar à Altamira pois “foi onde tudo começou”.

No final daquele mesmo ano, Amailton, Césio e Anísio foram soltos a partir de uma decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Marco Aurélio, concedendo *habeas corpus* aos três homens. Mas em abril de 2005, as prisões foram novamente decretadas em apelações, podendo ser respondidas em liberdade até 2009, quando Anísio e Césio voltaram à prisão. Amailton está foragido até os dias de hoje e Carlos Alberto faleceu em 2010, enquanto preso, devido a um câncer. Césio agora responde em liberdade e Anísio morreu em casa em 2020, após três AVCs. Atualmente, Chagas voltou a negar os crimes de Altamira.

O Ministério Público do Estado do Pará nunca aceitou a confissão de Chagas e manteve as prisões dos quatro condenados. As famílias das vítimas acreditavam que o mecânico era um laranja, assumindo os crimes para livrar os condenados ou, então, agindo juntamente da suposta seita satânica, já que consideravam impossível que o homem tivesse realizado todos os crimes sozinho. Atualmente, Césio, que responde em regime aberto, ainda luta para conseguir a reversão de sua condenação dadas as substanciais evidências contra Chagas. Em Altamira, não há consenso sobre o resultado das investigações.

---

<sup>20</sup> Causa mortis: alusão à causa da morte, preenchida por um médico ou legista no atestado de óbito.

Há um conto de Edgar Allan Poe que se chama “Um Homem na Multidão”, nele o narrador nota, no meio da multidão de uma grande metrópole, um homem que comete crimes atrozes. Ele o segue por dois dias e depois o perde novamente na multidão. O narrador conclui que o pior dos assassinos é aquele que consegue escapar incólume, exatamente por se camuflar e se perder em meio à massa. Chagas não era rico, era apenas um dos moradores de uma comunidade, um homem comum que trabalhou em garimpos, supermercados, fazia bicos e consertava bicicletas. Um homem quieto, mas considerado bom vizinho e prestativo, nunca chamava atenção, se perdia no meio da massa e, por isso mesmo, por anos, foi o mais cruel dos assassinos, mas nunca levantou suspeitas. Era um deles, um de nós, parte de uma comunidade, morando na casa ao lado das famílias que sofriam o luto de seus filhos, ajudando nas buscas pelas crianças. Mas Chagas deixava pegadas, deixava rastros, não era um assassino que cometia crimes perfeitos, ele sequestrava à luz do dia e não se escondia depois dos crimes, continuando a morar do lado dos vitimados. Como que então nenhuma polícia jamais seguiu esses rastros e chegou a ele? Talvez porque as crianças que morreram também eram invisíveis para o Estado, exatamente por serem vistas como mais corpos em meio à massa. (Projeto Humanos, 2022)

A conclusão a que se chegou a partir da pesquisa desenvolvida no podcast Projeto Humanos, juntamente de estudiosos como Paula Lacerda e Rubens Pena Júnior, a criminóloga Ilana Casoy e autoridades policiais e jurídicas do Maranhão, é a de que Francisco das Chagas foi o autor dos crimes em Altamira, sendo a teoria de uma suposta seita satânica efeito do preconceito contra religiões de matriz africana e do sensacionalismo da mídia ao tratar do caso. O descaso das autoridades quanto às investigações, notável nos depoimentos e notícias do caso, fica ainda mais evidente no desamparo institucional às vítimas e aos familiares, que, 30 anos depois, sentem que o estado do Pará ainda lhes deve respostas.

Feita a reconstituição do caso a partir das fontes consultadas, abordo na próxima seção a metodologia utilizada para a pesquisa empírica deste trabalho.

#### 4.2 A ANÁLISE PRAGMÁTICA DA NARRATIVA

Neste subcapítulo, irei versar sobre a análise pragmática da narrativa, método elaborado por Motta (2013) e escolhido para guiar as ponderações de caráter analítico deste trabalho, respondendo à hipótese e visando atender aos objetivos geral e específicos propostos. A metodologia em questão dá destaque ao uso da linguagem, mas difere-se de um estudo exclusivamente gramatical ou linguístico, por

tratar de noções como “emissor (narrador), destinatário (narratório), intenção comunicativa, contexto verbal, reconhecimento das instruções de uso e a situação ou conhecimento do mundo compartilhado” (Motta, 2013, p.128). Ou seja, mesmo que leve em conta os aspectos de sintaxe, por exemplo, a análise pragmática da narrativa vai além de um estudo estrutural do texto.

Motta (2013) defende que as interpretações individuais de cada espectador ou leitor sobre determinado objeto narrativo são capazes de alterar o objeto em si, lançando novas lógicas contextuais ou diferentes pontos de vista para um mesmo texto. Isso se deve à crença do autor de que nenhuma expressão verbal é totalmente autônoma e fechada em si mesmo, não podendo ser analisada sem que sejam levadas em conta suas relações sociais e culturais. O texto, para Motta (2013), é o ponto de partida para a análise, sendo o elo entre narrador e destinatário, responsável por produzir o significado, que se estrutura nessa relação.

É inconcebível fazer a análise de um objeto linguístico (a narrativa) como se ele pairasse isolado no espaço estético ou epistemológico. A narrativa é apenas o nexos de uma relação entre interlocutores, e são os ‘aspectos dessa relação’ que interessa compreender. Ainda que, metodologicamente, sempre partamos do próprio objeto, do discurso narrativo, do conto, filme, história em quadrinhos, etc., para chegar até as relações que o produzem, consomem, interpretam (Motta, 2013, pg. 120).

As narrativas isoladas de contexto não oferecem análises bem estruturadas, correndo o risco de perder seu objeto determinante, ou seja, o cerne de toda a crítica que se pode atribuir ao objeto. Motta (2013) argumenta que, por trás do texto, há uma série de técnicas, estratégias e manobras escolhidas pelo narrador como forma de condicionar a recepção do produto junto ao interlocutor e que “criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira” (Motta, 2013, pg. 121). Para tanto, analisar narrativas sem considerar toda a carga contextual suscitada pelo autor é um esvaziamento da significação e dificilmente tornará possível chegar às respostas que se esperam.

Anteriormente, Hall et al (1993) também já definiram os conceitos básicos da narração: o método narrativo é como uma identificação dos acontecimentos, quando são designados, nomeados e definidos. Podemos perceber que o método de Motta (2013) vai de acordo com tal definição. Os mapas de significados familiares

representam a inserção dos acontecimentos em contextos sociais, confirmando a importância da análise no que diz respeito às questões externas ao texto.

Mas, Motta (2013) salienta que, apesar da importância do contexto, “o que está sob observação nos procedimentos propostos [...] não são fatos históricos externos à narrativa, mas sim o discurso narrativo como fato histórico em si mesmo, que em certa medida engloba o externo” (Motta, 2013, pg. 130). Para desenvolver a análise, levando em conta a contextualização aqui realizada, o autor propõe três instâncias do discurso narrativo e sete movimentos para a análise do objeto. Vale lembrar que, apesar das orientações do autor, os métodos escolhidos e suas aplicações devem se dar de acordo com a problemática de pesquisa, como diz o próprio Motta (2013), aconselhando que o analista não trate sua metodologia como uma “camisa de força” e explore sua criatividade, já que “quase sempre o próprio objeto indica como pretende ser desvendado” (Motta, 2013, pg. 133).

As três instâncias para a análise do objeto narrativo, conforme o autor, são: 1. plano da expressão (linguagem ou discurso), 2. plano da estória (ou conteúdo) e 3. plano da metanarrativa (ou plano de fundo). Motta explica, antes de adentrar as especificidades de cada plano, que a análise da narrativa costuma incidir com maior frequência no plano da estória, mas que é dependente do plano da expressão. O plano da metanarrativa muitas vezes não é facilmente identificável à primeira vista, porém é essencial para a conclusão da análise, por que diz respeito ao âmbito contextual mais profundo, revelando a mensagem projetada pelo narrador (Motta, 2013). A seguir, explicarei com mais detalhe cada um dos planos.

O primeiro plano, da expressão, é o mais superficial, pois estuda a estrutura do texto, a linguagem utilizada, seja ela verbal, sonora ou visual. É por meio do estudo deste plano que pode-se denotar o uso de hipérboles ou ironias, que identificam a intencionalidade do autor por meio do uso estratégico da linguagem, capaz de suscitar diferentes emoções - desde medo até felicidade -, modificando a percepção sobre a história relatada (Motta, 2013). A segunda camada é a da estória, que diz respeito à diegese, à representação, a um universo imaginário possível construído a partir da narrativa. O autor destaca que a estória eleva-se em relação aos demais planos por ter relativa autonomia, mesmo que ainda necessite da expressão, é nela que se concentra o estudo da narrativa na prática, percebendo a construção da intriga, o encadeamento de ações, a construção dos personagens e

uso de ferramentas de narração como flashbacks ou, no caso do jornalismo criminal, a reconstituição da cena do crime.

O terceiro e último plano é o da metanarrativa, mais abstrato, pois diz respeito aos fundos culturais e sociais por trás do objeto narrativo, ou seja, “a moral da história”, a mensagem que se quer passar ao narrar uma sequência de fatos, “são situações éticas fundamentais plasmadas por um narrador no momento em que ele se põe a narrar, por exemplo, os temas de fidelidade, fé, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração, corrupção, temor a Deus, o herói” (Motta, 2013, pg. 138). Além da divisão das diferentes instâncias da análise narrativa, também são apresentados sete procedimentos de análise, que irão guiar a aplicação do método, de acordo com o objeto escolhido. Apresentarei abaixo um resumo dos sete movimentos, ainda conforme Motta (2013):

1) *compreender a intriga como síntese do heterogêneo*: o primeiro movimento proposto busca entender como as partes separadas do enredo se relacionam na estruturação da intriga, ou seja, da estória integral. Para chegar à resposta pretendida, o analista deve decompor e recompor a totalidade da estória<sup>21</sup>, identificando os pontos de virada, a conexão entre os conflitos secundários e principais, a apresentação de protagonistas e antagonistas. A identificação da intriga poderá ser feita a partir do uso de mecanismos do plano da expressão, bem como textuais, visuais e sonoros;

2) *compreender a lógica do paradigma narrativo*: no segundo movimento, o analista deve identificar as sequências constituintes do objeto narrativo, as nomeando e esclarecendo sobre sua finalidade para a estrutura narrativa final, podendo tirar conclusões sobre suas intencionalidades na construção de sentidos junto do destinatário;

3) *deixar surgirem novos episódios*: no terceiro movimento, utilizando-se da estória recomposta pela nova síntese, é possível identificar e nomear as unidades temáticas narrativas intermediárias - os episódios -, desvelando as estratégias narrativas por trás de personagens, cenários, conflitos e tensões;

4) *permitir ao conflito dramático se revelar*: o quarto movimento propõe adentrar ainda mais os sentidos da narrativa, identificando seus conflitos dramáticos,

---

<sup>21</sup> Motta utiliza o termo “estória”, grifado com “e”, em menção ao mundo imaginário possível da narrativa e ao “plano da estória”, uma das instâncias do discurso narrativo separadas por ele. A grafia será utilizada estritamente no sentido proposto pelo autor em seu método de análise (Motta, 2013).

que revelam o ponto de vista, ou frame cognitivo, utilizado pelo narrador para representar a realidade difusa e confusa que pretende apresentar. É importante levar em conta o conflito principal e os secundários pois ele é o estruturador das ações, momentos de virada e diz muito da ordem moral da estória na análise do plano de fundo;

5) *personagem: metamorfose de pessoa a persona*: no quinto movimento, após elencar os conflitos dramáticos da estória, deve-se observar os personagens que protagonizam cada um desses conflitos, já que são eixo central na identificação do projeto dramático no texto. Interessa ao analista entender por que determinados personagens são possuidores de certas qualidades ou defeitos ou por que têm certas opiniões. Na análise da narrativa fática do jornalismo, deve-se compreender a passagem de pessoa real à persona, configurando uma categoria linguística;

6) *as estratégias argumentativas*: o sexto movimento pretende revelar as estratégias utilizadas pelo narrador na produção de sentidos, sendo capaz de diferenciar os efeitos de real dos efeitos estéticos, concomitantemente aos demais movimentos. Na narrativa jornalística, o analista deve ser capaz de perceber as tentativas de dissimular as estratégias argumentativas e apontar quais recursos estão sendo utilizados para gerar sentido, já que, nestes casos, o narrador busca camuflar seu papel e transmitir os fatos narrados como verdades absolutas; e

7) *permitir às metanarrativas aflorar*: no sétimo e último movimento, busca-se alcançar o nível da cultura, da moral, do fundo ideológico e das significações mais profundas, compreendendo os conflitos dramáticos e intrigas da estória a partir dos acontecimentos no mundo real e das implicações no cotidiano social. Este é o movimento que permite mergulhar na essência do objeto narrativo e compreender sua finalidade máxima.

A partir dos movimentos metodológicos descritos anteriormente e apresentados por Motta (2013) é que se desenvolve a análise deste trabalho. No entanto, assim como foi defendido pelo próprio autor, o analista, mesmo que recém iniciado, deve desenvolver sua análise da forma que julgar mais condizente com o objeto narrativo escolhido, não se limitando para atender aos rigores da proposta e deixando a criatividade fluir durante o percurso analítico (Motta, 2013). Sendo assim, pretendo avançar na análise do objeto empírico deste estudo prestando atenção às orientações relativas às narrativas fáticas do jornalismo, bem como os movimentos que melhor se aplicam na busca dos objetivos pretendidos.

[O analista] Deve buscar caminhos próprios, até porque a narrativa ainda está em processo de gestação. Todo analista deve trazer para suas abordagens e procedimentos operacionais iniciativas imaginativas - desde que elas sejam bem justificadas, coerentes em relação ao problema de pesquisa, e pertinentes em relação ao objeto. Criatividade metodológica, *bene trovato*, pode gerar interpretações mais potentes (Motta, 2013, pg. 119).

Considerando que a análise pragmática da narrativa de Motta (2013) lança grande importância sob todo o contexto epistemológico, estético e moral que envolve o objeto narrativo e discorda de que devem-se desconsiderar suas relações estruturais ao desenvolver o processo metodológico, esta proposta me pareceu a mais eficiente para chegar aos significados suscitados pelo texto narrativo. É, assim, a metodologia que melhor atende às necessidades da pesquisa que propus.

Com base nos movimentos metodológicos de Motta (2013) já apresentados, levando em conta a aplicação do método de Huberty (2020), e adequando o método aos objetivos e ao objeto empírico da pesquisa, definimos dois movimentos analíticos que nos guiarão na busca à compreensão da narrativa jornalística do Grupo Liberal no caso dos meninos emasculados de Altamira. Os dois movimentos escolhidos para compor o referencial metodológico foram “*compreender a intriga como síntese do heterogêneo*” e “*permitir ao conflito dramático se revelar*”. Os movimentos foram escolhidos visando atender aos objetivos desta pesquisa. Ao “*compreender a intriga como síntese do heterogêneo*”, é possível remontar as partes separadas do enredo, identificando a estruturação da intriga, e assim, identificar como as intencionalidades narrativas presentes no objeto contribuem na consolidação de um plano dramático central.

O segundo movimento escolhido para integrar a análise é “*permitir ao conflito dramático se revelar*”, já que nos permite aprofundar os sentidos da narrativa, identificando seus conflitos dramáticos. É a partir do reconhecimento dos conflitos dramáticos secundários e central que se pode compreender com mais clareza o enquadramento e finalidade da narrativa. Além disso, este movimento permite uma análise mais detida do plano da metanarrativa, que consideramos importante, já que a relação entre a realidade dramática da história e o pano de fundo sócio-cultural evocado pelo objeto revelam a mensagem pretendida na sequencialidade dos fatos.

Motta (2013) afirma que, para compreender a força aglutinadora da intriga na expressão narrativa, é preciso colocar junto o que antes estava separado, de forma a organizar as partes da narrativa de forma compreensível. Nosso corpo empírico,

por se tratar de um objeto fechado e conclusivo, não dispõe de uma narrativa fluída, apesar de ser dividido em duas partes diferentes; portanto, a realização da decomposição e composição da intriga, como indicado por Motta (2013), será realizada usando como base os diferentes episódios temáticos apresentados na própria reportagem, visando identificar as diferentes partes componentes da sintaxe narrativa da estória.

Fazendo uso do primeiro movimento metodológico elencado para esta pesquisa, avançaremos para o segundo movimento de análise, que nos permite penetrar ainda mais nos sentidos da narrativa, a partir da identificação dos conflitos dramáticos principal e secundários. Esse movimento tem caráter esclarecedor já que “o conflito dramático é o frame cognitivo (enquadramento, perspectiva, ponto de vista) através do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar” (Motta, 2013, pg.167). Sendo assim, será possível desvelar o projeto dramático em construção na narrativa e avançar rumo à camada mais profunda de compreensão: o plano de fundo definidor, onde os conflitos sociais e psicológicos podem ser percebidos na narrativa.

A partir dos dois movimentos escolhidos para compor a análise do *corpus*, o objeto narrativo torna-se mais solidificado, possibilitando que a pesquisa transite pelos principais elementos de cada uma das três instâncias da análise, com conclusões mais robustas e tornando evidentes as estratégias empregadas pelo narrador, as intencionalidades do objeto, bem como suas motivações.

#### 4.3 O *CORPUS* EMPÍRICO

Para a análise a ser realizada neste trabalho, foi escolhida uma grande reportagem que pauta o caso dos meninos emasculados de Altamira, com o título “*Emasculados: seita, mistério e morte em Altamira*”, dividida entre parte um e parte dois, lançadas entre abril e maio de 2022, por meio do LibPlay, plataforma de streaming do Grupo Liberal. A reportagem integra a série original “Somente a Verdade”, que apresenta casos criminais marcantes do Pará em formato de documentário, com registros das coberturas jornalísticas da TV Liberal à época. O lançamento da série fez parte das comemorações de 75 anos do jornal impresso O Liberal.

O jornalismo de O Liberal é referência de credibilidade e inovação, com conteúdo em diferentes plataformas e em multitelas. Esta série é mais uma iniciativa, estamos avançando para oferecer mais conteúdo ao nosso assinante, leitor e internauta. (O LIBERAL, 2021)

A série tem direção geral de Gabriel Nardin, direção executiva de Pascoal Gemaque, produção de Vinícius Macêdo, apoio da repórter de Altamira Cristiane Prado e trabalhos técnicos da Amazon Filmes. São quatro episódios no total, sendo o último deles, referente aos eventos de Altamira, dividido em duas partes de 25 minutos. O Grupo Liberal, responsável pela veiculação dos episódios, é um conglomerado de mídia sediado em Belém, capital do Pará, contando com jornais impressos, estações de rádio, plataforma de streaming e a TV Liberal, afiliada da Globo no estado e premiada como maior audiência dentre todas as afiliadas brasileiras no Painel Nacional de Televisão (PNT).

O impacto deste grupo de mídia na região é notável, não somente dada a vasta gama de atuação midiática, mas por sua influência junto à população. Em uma matéria de comemoração dos 70 anos do Grupo Liberal, Marcelo Rech, presidente da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), disse que o conglomerado é mais do que apenas um veículo de informação, mas um “elo essencial para a integração da comunidade” (O Liberal, 2022). Tamanha importância atribuída ao Grupo Liberal foi levada em conta para a escolha do objeto empírico.

Além dos fatores aqui já mencionados, considere de extrema relevância para a análise que o objeto narrativo escolhido fosse uma produção regional, ou seja, do estado do Pará. A repercussão do caso dos meninos emasculados de Altamira extrapolou o jornalismo nacional, mas certamente a cobertura jornalística do Grupo Liberal é a com maior potencial de influência junto aos espectadores paraenses. Levando em conta todo o contexto que envolve o caso, já relatado neste capítulo, e o impasse envolvendo a condenação de Francisco das Chagas no Maranhão e a recusa do Ministério Público do Pará em aceitar sua confissão, é natural que sejam geradas notáveis divergências na opinião pública, também percebidas nas narrativas jornalísticas.

Fazendo uso do levantamento bibliográfico produzido para este trabalho e obedecendo aos preceitos metodológicos básicos estipulados por Motta (2013), apresento a seguir minha análise pragmática da narrativa da reportagem “*Emasculados: seita, morte e mistério em Altamira*”, que, apesar de se tratar de um

único episódio da série documental produzida pelo Grupo Liberal, é apresentada em duas partes diferentes, tendo sido veiculadas com um intervalo de tempo de um mês - a primeira delas, em abril, e a segunda, em maio. Portanto, assim irei analisá-las.

#### 4.4 MOVIMENTOS DE ANÁLISE

Como dito anteriormente, farei uso de dois dos movimentos de análise propostos por Motta (2013) na elaboração do nosso referencial metodológico: “*compreender a intriga como síntese do heterogêneo*” e “*permitir ao conflito dramático se revelar*”. Buscando adequar o método de Motta ao corpus empírico escolhido, estes dois movimentos serão aplicados de acordo com as exigências da estrutura narrativa da reportagem.

Primeiramente, para a aplicação do primeiro movimento, o objeto será decomposto a partir dos episódios temáticos estabelecidos na própria narrativa e que servirão como forma de orientar a localização dos principais micro eventos em sequência. Já que a reportagem escolhida é fechada em si mesma, apresentando início, desenvolvimento e fim, será possível decompô-la a partir de sua própria estrutura. Portanto, a reconstrução retrospectiva da estória será feita com base na minutagem do episódio, dividido em duas partes.

O segundo movimento, “*permitir ao conflito dramático se revelar*”, será aplicado concomitantemente à recomposição da intriga, que é estruturada em um resumo-síntese da estória, como proposto por Motta (2013). Ao encontrar os fios que alinham a trama e compreender como o narrador compõe a estória, torna-se mais fácil apontar os diferentes conflitos dramáticos que se destacam ao longo do objeto narrativo. Poderemos, então, “deduzir como a complexa realidade foi cognitivamente enquadrada a partir do frame dramático, que por sua vez solicita do interlocutor (ou audiência) uma interpretação do mundo a partir deste mesmo frame” (Motta, 2013, pg. 172).

Realizados os esclarecimentos dos movimentos de análise que executarei neste trabalho e reforçando as orientações de Motta (2013) para a aplicação da análise pragmática da narrativa com base na criatividade metodológica e utilização de procedimentos operacionais que estejam adaptados ao *corpus* empírico, desenvolvo os dois movimentos propostos nas páginas subsequentes.

#### 4.4.1 Decomposição da intriga: seita, mistério e morte em Altamira

Neste subcapítulo, irei decompor a intriga a partir dos episódios temáticos estabelecidos no próprio episódio, fazendo uso da minutagem para guiar os apontamentos de forma cronológica. Dessa maneira, será possível analisar as duas partes da reportagem como uma obra completa, identificando as partes componentes, sequências básicas, pontos de virada, pontos de tensão, protagonistas e antagonistas e os fios que alinham a trama, bem como os efeitos visuais, sonoros e de linguagem.

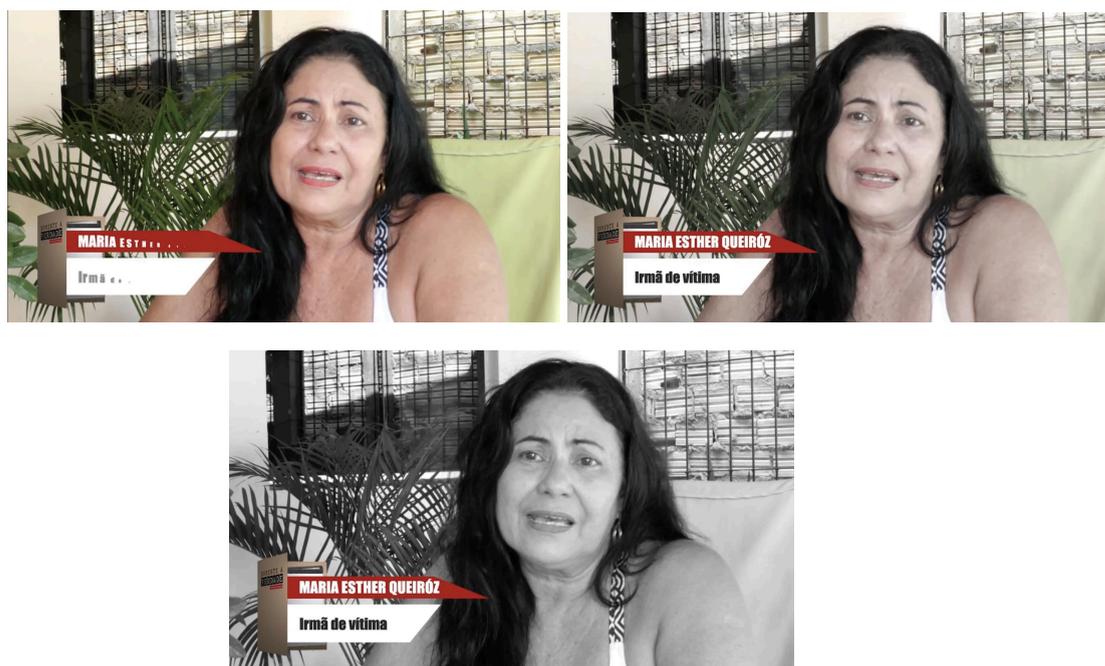
O episódio inicia com diversas imagens que compõe a vinheta de abertura - portanto, é repetida também na segunda parte -, são elas: fotos de todas as vítimas de Altamira com seus nomes abaixo, seguidas de imagens no Tribunal do Júri do julgamento de Amailton, Anísio, Carlos Alberto, Césio e Valentina e, por fim, gravações de rituais e seitas. A inclusão dos frames de abertura já indica quais serão os enfoques da reportagem e que personagens ganharão mais destaque na narrativa.

Na sequência, a reportagem inicia, aos vinte segundos, com imagens de satélite do Google Maps, lentamente se aproximando do território de Altamira, seguida de uma tela preta com a escrita “Era uma vez... No interior do Brasil”, indicando o início do primeiro episódio temático. O uso da expressão “era uma vez”, que está destacada em vermelho, em contraste às letras brancas no restante da frase, indica o início de uma história a ser contada, como um convite para que o espectador fique atento ao desenrolar dos fatos a serem narrados. A seguir, imagens de arquivo de uma reportagem da época são mostradas em uma televisão de tubo antiga, localizando a estória no tempo: uma Altamira pacata e segura durante a década de 1980, “cena comum em qualquer cidade do interior, onde a violência das grandes cidades ainda não chegou. Crianças nas ruas sozinhas indo ou voltando da escola, algumas até trabalhando” (Emasculados, 2022), descreve um repórter em off.

As imagens da TV Pará/AK Comunicação de Altamira são utilizadas durante a narração do repórter Pascoal Gemaque, que, logo de início, indica um juízo de valores, mesmo que sutil, sobre a diferença entre a criança que vai para a escola e a que trabalha. De todo modo, o off mencionado anteriormente converge com a função do primeiro episódio temático ao contextualizar como era a rotina da cidade antes

dos casos. É quando a primeira fonte da reportagem aparece: Maria Esther Queiróz, irmã de Klebson. Seu nome e parentesco com a vítima aparecem no canto esquerdo da tela, enquanto uma trilha de suspense acompanha a imagem congelada de Maria Esther, que lentamente vai perdendo a cor, até ficar preta e branca. A sequência de efeitos dura cinco segundos e cria um efeito de dramatização à fala.

Figura 02 - Efeito de dramatização na introdução das fontes



Fotos: YouTube

“Naquela época não existiam essas coisas” (Emasculados, 2022), relata Maria Esther, ao mencionar que as crianças costumavam ser livres e iam tomar banho no igarapé ou buscar manga na mata. Ao *1min10seg*<sup>22</sup>, a narração de Gemaque indica o primeiro ponto de virada na estória: “de repente, as crianças começaram a desaparecer” (Emasculados, 2022). A frase, da forma que está estruturada, com o uso da locução adverbial “de repente” reforça a intenção dramática do narrador e cria uma sensação de mistério e ansiedade.

Gravações de arquivo trazem quatro fontes alternadas, com imagens da Cedeca-Emaús. São parentes das vítimas: Carolina Farias, mãe de Maurício; Esther Queiróz, irmã de Klebson; José Chipaia, pai de Judirley. Além destes, um

<sup>22</sup> Um minuto e quinze segundos. Doravante, irei mencionar a minutagem desta maneira: minutos como “min” e segundos como “seg”.

sobrevivente não identificado também aparece. Todos eles falam sobre o *modus operandi* do sequestro dos meninos, que consistia em os convidar para colher mangas, caçar aves ou tomar banho no igarapé. Aqui, podemos relacionar as falas das fontes como um contraste à fala de Maria Esther, que dizia que tais atividades eram comumente realizadas por crianças na cidade.

Ao *1min50seg* e aos *2min30seg*, respectivamente, duas novas fontes são apresentadas, com o uso do mesmo efeito de dramatização descrito anteriormente na duração de cinco segundos. A primeira fonte é o professor e líder de movimentos sociais Adelson Silva, que descreve o sentimento de medo dos altamirenses quando os primeiros casos começaram a acontecer. Segundo ele, já não se podia deixar seus filhos sozinhos como antes, ou seja, houve uma quebra na rotina. Cristiane Prado, jornalista e repórter da TV Liberal em Altamira, acrescenta que, a partir daquele momento, ser menino em Altamira significava trocar a diversão pelo medo. Ambos os relatos de Adelson e Cristiane materializam o primeiro momento de virada da estória, recorrendo ao escrachamento do absurdo na trama: crianças, que deviam estar se divertindo ou indo à escola, agora vivem com medo de serem mortas.

O título da reportagem aparece na tela preta, no estilo letreiro, bastante similar a filmes e novelas: “*Emasculados - seita, mistério e morte em Altamira*”. Aos *3min15seg*, são mostradas imagens de matagais, terrenos baldios e áreas de mata fechada em Altamira, acompanhadas de um off de Gemaque, que diz que essas localidades eram comuns na cidade há 30 anos atrás. Então, o repórter aparece em meio a uma clareira e afirma que eram nessas áreas que os corpos dos meninos eram desovados. Imagens da sombra de um homem segurando uma faca em meio a uma área de mata são mostradas, acompanhadas de trilha de suspense e *voiceover* do repórter: “elas eram deixadas no mato para sangrar até morrer, antes elas eram emasculadas” (Emasculados, 2022). Novamente, percebe-se a dramatização da narrativa.

Figura 03 - Aproximação do espectador com a cena do crime



Fotos: YouTube

Uma nova fonte é introduzida aos *3min36seg* e, assim como as anteriores, a imagem é cristalizada durante cinco segundos e a saturação vai diminuindo até mostrar a imagem em preto e branco, com trilha de suspense. A dinâmica de dramatização é repetida na introdução de todas as fontes ao serem apresentadas pela primeira vez e também ao serem reintroduzidas na segunda parte da reportagem. Desta vez, quem fala é o urologista Ricardo Tuma, que explica do que se trata o processo de emasculação e o que o diferencia da amputação. Apesar de se tratar de uma explicação científica, a fala se encerra com outro efeito de dramatização, quando sua imagem passa a ficar em câmera lenta e a trilha do fundo é trazida ao primeiro plano.

Mais imagens são mostradas em uma televisão antiga de tubo: são de noticiários da TV Liberal na época dos primeiros casos, em que a narração de Layse Santos anunciava que cinco meninos haviam sumido, apresentavam “boa aparência”, tinham família, estudavam e foram mortos em “rituais violentos”. Uma sequência de entrevistas de arquivo é mostrada, com três fontes. José Chipaia e Esther Queiróz, que apareceram na última sequência deste mesmo molde, e agora também com Leonília Pinheiro, mãe de Wandicley. Os três parentes das vítimas dão mais detalhes sobre as torturas sofridas pelos meninos. Após, Maria Esther, agora na entrevista para o documentário, fala sobre seu irmão Klebson, seus gostos e brincadeiras das quais gostava.

Aos *4min52seg*, é mostrada uma “ficha criminal” do caso, feita digitalmente com o logo da série “Somente a Verdade”, usada diversas vezes ao longo das duas partes da reportagem. Neste primeiro momento, a ficha destaca as “crianças assassinadas”, com nome, idade e estado do corpo quando encontrado. A ficha

continha as informações dos seis casos comprovadamente fatais (Ailton, Judirley, Jaenes, Klebson, Flávio e Ednaldo). Nos *5min20seg*, a tela volta a ficar preta e um título indica o início de um novo episódio temático: “Uma cidade... Muitas perguntas”. As duas primeiras palavras do título estavam em fonte vermelha, as duas últimas em fonte branca.

Conforme o relato, os habitantes de Altamira passavam a se organizar, realizando manifestações e dando início a movimentos sociais. As imagens destes eventos são transmitidas novamente na televisão de tubo com imagens de arquivo e o questionamento à época era: “por que isso está acontecendo?”. Maria Esther volta a falar e, aqui, já se torna evidente o destaque dado a esta fonte, revelando também, ao menos neste primeiro momento, a centralidade dada ao sofrimento das famílias das vítimas.

“Por que mataram? O que é que essas crianças fez com esses caras pra eles chegar e fazer isso com eles? Porque era só criança. Eram crianças inocentes, que tinham família. Não eram meninos de rua” (Emasculados, 2022, Maria Esther)

A fala de Maria Esther é estritamente motivada pela dificuldade encontrada pelos familiares das vítimas ao denunciar os casos ocorridos em Altamira junto à Polícia Civil, que acusava os pais das vítimas de negligência com seus filhos. Diversos relatos de familiares das vítimas, inclusive mostrados neste capítulo, evidenciam isso. Mas, sem a contextualização devida - como foi ao ar na série - a fala reforça uma noção de desumanização das pessoas em situação de rua, como se, caso as vítimas fossem crianças em situação de rua, seria mais justificável que isso lhes ocorresse. Em seguida, Adelson complementa que todos os meninos emasculados eram de classes menos favorecidas, mas não aprofunda a questão.

Dando continuidade à lógica de comprovar a importância da mobilização dos habitantes de Altamira, Pascoal Gemaque narra que a pressão sobre as autoridades fez com que o caso ganhasse atenção nacional e internacionalmente. Em mais uma sequência de entrevistas de arquivo, representantes da UNICEF Brasil, do Ministério da Justiça e do Ministério Público do Estado do Pará (MPPA) destacam a importância das reivindicações do povo altamirense para que o caso fosse tratado com mais afinco. Maria Esther chega a afirmar que, em sua opinião, caso “as famílias não tivessem se unido, [os crimes] estaria[m] acontecendo até hoje” (Emasculados, 2022).

O episódio temático indicado na reportagem ainda é o mesmo, mas, aos *8min39seg*, o foco passa a ser as investigações e, a partir delas, novos importantes personagens vão sendo introduzidos. As imagens borradas de pessoas em situação de rua dão lugar ao repórter Gemaque - no fundo, a Altamira atual -, que narra a prisão de Rotílio de Souza, um homem em situação de rua, acusado e preso como o autor das emasculações. Gemaque detalha as circunstâncias suspeitas da morte do homem, que estava sob custódia: ele estava sozinho e não havia sinais de suicídio. Mas a narrativa não avança para questionar a atuação da Polícia Civil e o repórter chega a mencionar que: “o problema é que mesmo após a morte de Rotílio, os assassinatos continuaram acontecendo” (Emasculados, 2022).

A fonte introduzida a seguir, aos *9min15seg*, é Waldir Freire, delegado da Polícia Civil do Pará, que relata que, a partir da morte “deste morador de rua”, se verificou que o caso não se tratava de um crime de homicídio comum, mas sim de um *serial killer*. A partir dos *9min55seg*, imagens de arquivo relembram outras teorias levantadas pela Polícia Civil, como a hipótese de tráfico de órgãos. Adelson comenta que os cortes eram “perfeitos” e que acreditava se tratarem de “cortes de bisturi”. Adelson, no entanto, não é especialista na área e sua fala parte do senso comum.

A reportagem apresenta Anísio e Césio como “dois médicos recém-chegados em Altamira”, sendo detidos para esclarecimentos. Porém, as imagens que acompanham a narração são dos médicos já no Tribunal do Júri, anos depois dos eventos que estavam sendo relatados, criando um efeito de imputação de culpa. Gemaque informa, então, que laudos periciais comprovaram a inutilidade dos órgãos extraídos para transplantes e que o processo havia sido arquivado. A narrativa segue criando sentimentos de dúvidas e suspeitas no espectador ao informar que, em 1992, o caso havia chegado à Justiça e que o médico Césio eram um dos acusados, após ter sido visto saindo de um dos locais de crime “com um saco plástico, um isopor e um facão”. Na sequência, é mostrada uma entrevista de arquivo onde Césio questiona a credibilidade da testemunha, dada a demora de nove meses desta em relatar os eventos.

Indicando um novo capítulo temático, a tela volta a escurecer aos *11min20seg*, com o título “Deus e o Diabo... Na Terra do Sol”. Neste título que faz referência ao filme de mesmo nome do cineasta brasileiro Glauber Rocha, “Na Terra do Sol” está em fonte vermelha e parece fazer alusão à cidade de Altamira. A partir

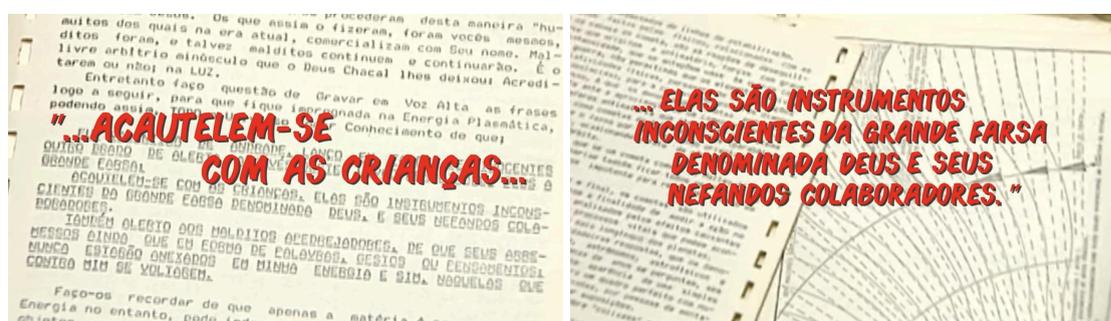
deste momento, a reportagem mostra diversas cenas de seitas e rituais, além de páginas do livro “Deus, A Grande Farsa”, de Valentina de Andrade. Um trecho é lido em uma voz remixada em tom diabólico: “...Acautelem-se com as crianças, elas são instrumentos inconscientes da grande farsa denominada Deus e seus nefandos colaboradores” (Emasculados, 2022).

Figura 04 - Imagens de seitas repetidas na reportagem



Fotos: YouTube

Figura 05 - Trecho de “Deus, A Grande Farsa”



Fotos: YouTube

A introdução de novos personagens e da temática da “seita satânica” veio imbuída de inúmeros estereótipos e clichês, visando suscitar o imaginário cultural do espectador e chocá-lo com a ideia de sacrifício humano. Aos 11min55seg, Mário Tito, teólogo, explica o significado da palavra “seita”, utilizada pejorativamente. As imagens do livro de Valentina e dos rituais são reproduzidas novamente antes do delegado Freire falar novamente. Dessa vez, ele explica que, pela falta de recursos à época, “se fazia uma investigação bem ‘raíz’”, mas que chegaram a um limite maior: a seita comandada por Valentina.

Jonas Campos, repórter da Rede Globo, é introduzido como fonte aos *13min30seg*, mesmo sem aparente ligação com os fatos. Jonas relata que leu o livro de Valentina logo após ser pai e que se surpreendeu devido ao conteúdo da obra. A fala é bastante superficial e, aqui, parece ser motivada pela dramatização: o fato de Jonas ter sido pai recentemente quando leu o livro é a única informação que explica minimamente sua inserção na reportagem. Voltamos às imagens de arquivo apresentadas na televisão de tubo, desta vez, apresentando o grupo Lineamento Universal Superior (LUS), com fotos em preto e branco de todos os acusados.

A defesa de Valentina de Andrade na narrativa é feita pelo seu advogado, Claudio Dalledone, mais uma fonte da reportagem. O advogado defende Valentina ao afirmar que o LUS não se trata de uma seita, mas um credo e que não devem ser criminalizados, mas sim respeitados. O repórter Gemaque atualiza informações sobre o grupo, informando que o LUS mantém as atividades até os dias de hoje, contando também com página na internet, que é mostrada. A “ficha do caso” agora identifica os suspeitos e acusados do caso: Aldenor, Amailton, Carlos Alberto, Césio, José Amadeu e Valentina. Aqui há um erro: José Amadeu nunca foi formalmente acusado pelos crimes de Altamira e, provavelmente, foi incluído no lugar de Anísio, que não é citado na “ficha”. Logo após a fala de Dalledone, o único personagem que defende a inocência de Valentina neste episódio, Jonas Campos volta a acusá-la:

Procuro nas reportagens, pelos mais absurdos crimes que uma pessoa possa estar sendo acusada, eu sempre procuro ouvir o que ela tem a dizer. Sem preconceito, sem nada. A Valentina de Andrade, respondendo a tua pergunta, ela sempre me parecia assim, fora desse mundo. Uma mulher doida, uma mulher que pregava coisas que certas pessoas gostavam de ouvir. (...) Ela negava Deus, E eu acredito sempre em Deus. Então, ela agia como uma líder. Ela agia como uma líder do mal, pregando coisas ruins, coisas para destruir seres inocentes (Emasculados, 2022, Jonas Campos).

A declaração de Jonas é amenizada por uma nova fala de Dalledone, que argumenta que Valentina era uma mulher de credo próprio e não foi respeitada por tal. “Em cima dela, foi construída uma história criminosa para dar satisfação a uma condenação que as Organizações dos Estados Americanos (OEA) tinham feito ao Brasil pela não elucidação do caso” (Emasculados, 2022), completa. A condenação do Brasil pela OEA, destacada por Dalledone, não foi citada em nenhum outro momento da reportagem. Na sequência, há mais uma série de relatos acusando Valentina. O delegado Freire diz que “dadas as coincidências”, os acusados foram vinculados à seita e aos crimes.

O teólogo Mário Tito, apesar de não acusar Valentina pessoalmente, realiza uma fala que, dado o contexto da narrativa, colabora para culpabilizar a líder da LUS:

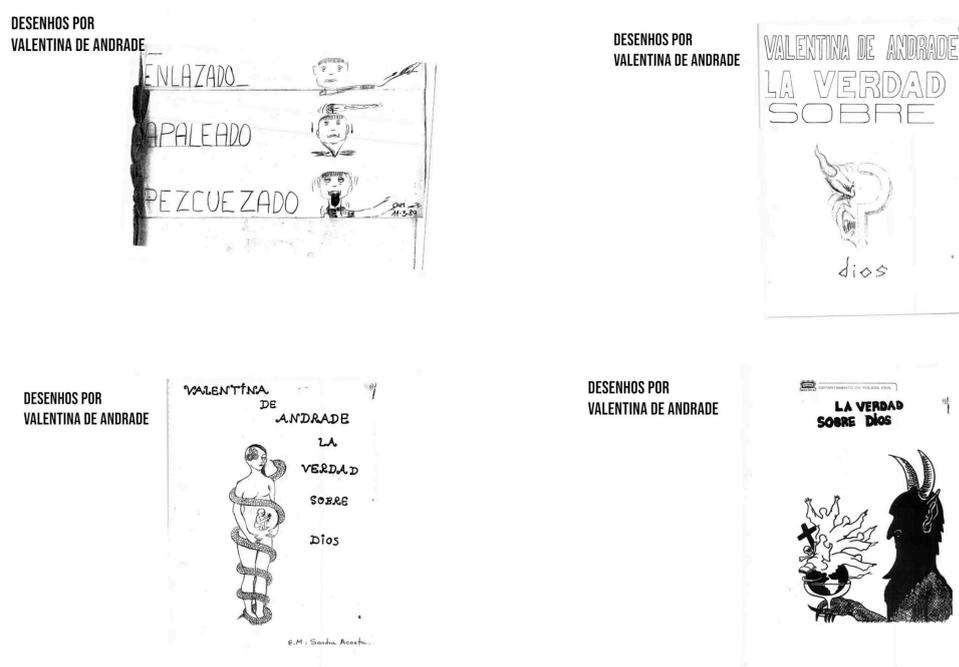
Se você pega todas as religiões, o “não-matar” é uma lei. Uma lei moral. Então o ‘matar’ é sempre algo negativo. Mas, como a religião enlouqueceu-se, ela se transformou em fundamentalismo, até a morte é justificada. Nós vimos isso no Al Qaeda, nós vimos isso nos sacrifícios da Idade Média, nas Cruzadas, nas guerras contemporâneas. É sempre um primitivismo. Uma negação da racionalidade e da própria religião. (Emasculados, 2022, Mário Tito)

Após a fala de Tito, imagens borradas de seitas e rituais com trilha de suspense ao fundo voltam a aparecer. Retornando para Jonas Campos: “os seguidores de Valentina de Andrade emasculavam, castravam meninos porque acreditavam que iam ter poderes acima do cidadão comum, era esse o objetivo” (Emasculados, 2022). Aos *19min*, a “ficha do caso” agora informa sobre o que aconteceu com os três sobreviventes emasculados e, logo após, o urologista Ricardo Tuma fala sobre o impacto da emasculação na saúde mental e física do homem.

A primeira parte da reportagem se encerra com o repórter Pascoal Gemaque, aos *20min45seg*, em frente ao Fórum Cível Prof. Dr. Daniel Coelho de Souza, em Belém, com a seguinte frase: “presos, acusados, aguardando julgamento, mas a história dos emasculados de Altamira estava longe de acabar” (Emasculados, 2022). Este encerramento é meramente um gancho para a continuação da reportagem e pouco informa sobre o caso, sendo seguido por cenas do episódio seguinte, com destaque especial para Valentina de Andrade, colocada na posição de antagonista.

Após recapitulação dos acontecimentos narrados na primeira parte, a tela preta com a frase “Sob a “LUS” da Justiça” - com o “S” de LUS grifado em vermelho - indica o início da segunda parte da reportagem. Aos *4min15seg*, diversos desenhos feitos por Valentina são mostrados na tela, com a trilha de suspense ao fundo, sem contextualização ou narração que esclareça o motivo da inserção dos desenhos na reportagem. São desenhos com imagens diabólicas e figuras infantis, dando ênfase à ideia de uma seita satânica que violenta crianças. Aos *5min*, a narrativa apresenta, por meio de gravações de arquivo, o primeiro evento significativo da segunda parte da reportagem: o julgamento dos réus em Belém.

Figura 06 - Desenhos de Valentina de Andrade



Fotos: YouTube

Em trecho de uma matéria do Jornal Liberal sobre o julgamento, há o uso da expressão “magia negra”, que atualmente entrou em desuso por configurar racismo linguístico. É notável pontuar também, nesta análise, as manifestações de intolerância religiosa durante toda a cobertura midiática no caso dos meninos emasculados de Altamira. Este é um exemplo claro de como a imprensa sensacionalista se vale desses preconceitos para tornar sua narrativa mais comercial. As repetições exageradas de imagens borradas que mostram rituais e seitas, os desenhos e livros de Valentina, com uma trilha típica de filme de terror, são uma tentativa de acessar esse imaginário cultural no plano da metanarrativa.

Imagens dos cinco réus - Amailton, Anísio, Carlos Alberto, Césio e Valentina - no julgamento são mostradas, e a narração do repórter Gemaque inicia-se, por meio de *voiceover*: “no banco dos réus, a seita LUS de Valentina de Andrade” (Emasculados, 2022). Mesmo que indiretamente, o narrador indica que reconhece o grupo de acusados enquanto integrantes da seita. Esta é uma das poucas passagens narrativas em que há um posicionamento categórico por parte do repórter. Então, aos *5min30seg* da segunda parte da reportagem, há um replay da “ficha do caso” com o nome dos acusados, já mostrada na primeira parte da

reportagem. O erro cometido anteriormente não foi corrigido, e o nome de José Amadeu aparece novamente, enquanto o de Anísio não é mencionado.

Aos *6min10seg*, Adelson Silva é reintroduzido como fonte nesta segunda parte. A dinâmica continua a mesma: seu nome e função são mostrados enquanto sua foto é congelada durante cinco segundos e gradualmente fica em preto e branco. Adelson comenta sobre a demora no julgamento e o quão traumático foi este tempo de espera: “a gente queria que todos estivessem de braços juntos, dados e dizer: ‘realmente agora aconteceu a justiça’, mas muitos não tiveram a oportunidade de ver essa justiça, que demorou demais, que foi retardada demais” (Emasculados, 2022). A seguir, Gemaque narra a ordem dos julgamentos, com um *close up* no rosto dos réus sentados na tribuna.

O advogado criminalista Rubens Pena Júnior é introduzido como a segunda fonte da segunda parte da reportagem. Ele explica que a principal estratégia da defesa de Valentina foi incorporar elementos de outros processos, o que tornou seu julgamento bastante demorado, diferentemente dos outros acusados, que tiveram suas sentenças após dois dias de julgamento. Aqui, foi empregada uma estratégia narrativa deliberada: Adelson conta sobre como a demora da Justiça causou sofrimento nas famílias das vítimas e, logo em seguida, Rubens explica que provocar demora no julgamento foi justamente a estratégia de defesa de Valentina. O encadeamento destes relatos revela a intencionalidade narrativa de imputar culpa a Valentina para além dos supostos crimes cometidos.

Em uma gravação de arquivo, Valentina responde a perguntas de um repórter e menciona que a imprensa está “fazendo uma maldade” contra ela. O repórter então a instiga, perguntando se ela não havia incentivado seus seguidores a matarem crianças, no que ela responde: “não me faça essa pergunta, por que ela é cretina” (Emasculados, 2022). Na sequência, Gemaque apresenta o currículo de Rubens Pena Júnior, o concedendo maior credibilidade, e informa o público sobre sua pesquisa de uma década no caso dos meninos emasculados de Altamira para sua tese de mestrado, ainda a ser publicada. Rubens avança para uma importante fala, mais incisiva e pontuando os erros das autoridades na condução das investigações e falhas no processo:

É inegável, quando você lê o processo criminal sobre os meninos emasculados, você percebe diversas violações e nulidades. Então há, houveram falhas sim. As falhas que houveram no processo, elas estão

relacionadas à ausência de investigação. Existiam determinadas pessoas que poderiam falar sobre os fatos, mas não eram intimadas, no processo não constam intimações dessas pessoas. Ou seja, elas não eram trazidas a juízo para falar sua versão. Então isso tornou o processo bastante falho, no sentido de que não havia robustez nas provas que estavam sendo levantadas (Emasculados, 2022, Rubens Pena Júnior).

Após a fala de Rubens, no entanto, a reportagem mostra a gravação do depoimento de uma das vítimas em juízo afirmando que Carlos Alberto, que estava em pé ao lado de outro homem no Tribunal do Júri, foi quem havia o sedado: “tenho a plenitude, a certeza, a convicção cem por cento de que foi o Carlos Alberto” (Emasculados, 2022). A afirmação enfática da vítima, que fica frente a frente com o acusado, é difícil de ser questionada e, neste contexto, enfraquece as críticas tecidas por Rubens alguns segundos antes; afinal, a cena é uma representação simbólica da justiça na prática, com a vítima reconhecendo seu algoz, que, por isso, será condenado e punido.

Carlos Alberto de fato foi condenado, assim como Amailton, Anísio e Césio, mas Valentina foi absolvida. Seu advogado, Claudio Dalledone, aparece novamente como fonte na segunda parte da reportagem: “não eram só acusações de ter matado alguém, eram acusações de ter pacto com o satanás, de matar crianças, entregar o sangue, emascular essas crianças e entregar a satanás. O Estado do Pará tem que ser responsabilizado por isso” (Emasculados, 2022). Esta é a primeira vez, durante toda a narrativa, que o Estado do Pará é responsabilizado nominalmente por outro personagem. No entanto, Dalledone é considerado um antagonista dada sua relação com Valentina e, assim, sua opinião não ganha o mesmo peso dentro da narrativa do que opiniões de especialistas e autoridades da Polícia Civil, por exemplo. Vale ressaltar aqui que, na época em que a reportagem foi exibida, em 2022, Valentina já havia sido inocentada e Dalledone foi parte crucial de sua defesa.

Aos *11min20seg*, Gemaque anuncia que o julgamento de Valentina havia acabado, mas “estava longe de ser concluído”. Ou seja, mesmo na realidade imaginada da estória, o narrador não permite que a absolvição de Valentina a exima da culpa. As gravações de arquivo mostram a comoção dos familiares após o final dos julgamentos, em desespero com o resultado e clamando por justiça. Uma matéria da época anunciava que a PF e a Polícia Civil do Pará iriam investigar os jurados e os oficiais de Justiça que participaram do julgamento que absolveu Valentina. Havia suspeitas que os jurados receberam telefonemas e visitas no

hotel em que estavam hospedados e, por isso, seus sigilos telefônico e bancário seriam quebrados.

Apesar das investigações, nunca foi comprovado que a defesa de Valentina subornou os jurados, como se supunha à época. Dentro do contexto narrativo, a inclusão destas suspeitas apenas lançam dúvida sobre a inocência de Valentina, já que, logo depois, aos *13min41seg*, o juiz Ronaldo Vale aparece em entrevista a um noticiário negando a quebra da incomunicabilidade dos jurados. O resultado das investigações instauradas pela PF e pela Polícia Civil não é informado na reportagem.

É aos *14min15seg* que a narrativa introduz um novo cenário à estória: Paço do Lumiar e São José de Ribamar, no Maranhão, visualizados com imagens de satélite do Google Maps, semelhantes às de Altamira na primeira parte da reportagem. A tela fica preta, dando início ao último episódio temático: “Francisco, e a mecânica de crimes”, sendo as duas últimas palavras grifadas em vermelho. Diferentemente dos réus apresentados até aqui, as informações de Francisco das Chagas são apresentadas em uma tela preta e não na “ficha do caso”. Uma reportagem da TV Liberal de 2010 informava que o mecânico cumpria pena em São Luís e que havia confessado ser o assassino de 42 meninos, mas que hoje em dia (à época), negava tudo.

Uma fala de Rubens Pena Júnior é inserida neste momento da narrativa: o advogado explica que Francisco das Chagas inicialmente negou todos os crimes cometidos no Maranhão, mas que passou a confessar após ser confrontado com evidências reunidas pela equipe de investigação: “ele se sentiu imbuído de falar o que realmente também fez em Altamira. No caso, ele confessou os crimes pelos quais outras pessoas haviam sido julgadas e condenadas” (Emasculados, 2022). Na sequência, a pena de Chagas pelas mortes no Maranhão é mostrada e Rubens lembra que o homem nunca foi formalmente denunciado no Pará. Gemaque narra que as investigações comprovaram que Chagas esteve em Altamira no mesmo período em que os crimes aconteceram.

Apesar da sequência de revelações trazidas por Rubens e complementadas pelo narrador, que parecem atestar a culpa de Chagas e que lançam questionamentos sobre a atuação das autoridades paraenses nas investigações e no processo, a narrativa não busca elucidar tais problemáticas. Em vez disso, o delegado Waldir Freire ganha espaço para se justificar: segundo ele, a PF iniciou a

investigação em Altamira e a concluiu no Maranhão, sem, contudo, informar à Polícia Civil do Pará sobre os resultados obtidos.

Pascoal Gemaque, em frente ao antigo presídio São José de Belém, aos *17min30seg*, fala sobre como a confissão de Chagas mexeu com todo o processo de Altamira, munindo as defesas com uma indagação: “se Chagas matou as crianças de Altamira, então os integrantes da seita LUS são inocentes” (Emasculados, 2022). Aqui, novamente Gemaque volta a se referir aos quatro homens condenados como integrantes da seita LUS. A seguir, Rubens e Dalledone defendem que o verdadeiro culpado pelos crimes já confessou. Aos *19min16seg*, a ficha do caso é atualizada, agora contando com a inserção de Chagas. Valentina, mesmo inocentada, foi mantida na lista.

As duas últimas falas da reportagem são de Waldir Freire e Maria Esther, respectivamente. O delegado diz que a equipe da Polícia Civil do Pará está com a consciência tranquila: “laboramos no sentido de fazer justiça e não de justificar pessoas” (Emasculados, 2022). A declaração de Freire revela a isenção da responsabilização das autoridades na narrativa. Apesar de incluir críticas, a reportagem lhe outorga a última palavra. Antes dos créditos do episódio serem mostrados, Maria Esther reflete: “a gente se acostuma com a dor, mas esquecer mesmo, jamais” (Emasculados, 2022).

O encerramento do episódio com a fala de Maria Esther é bastante representativo do caráter dramático que a narrativa carrega, não se propondo a avançar nas problematizações acerca das falhas processuais ou da negligência do Estado e da Polícia com as vítimas, preferindo explorar a superfície espetacularizada da emoção, repetida incansáveis vezes neste tipo de matéria.

Ao final da decomposição da narrativa do Grupo Liberal na reportagem “*Emasculados: seita, morte e mistério em Altamira*”, que aborda o caso dos meninos emasculados de Altamira, e, a partir da separação dos episódios de acordo com a demarcação temática proposta no próprio objeto, foi possível identificar variados elementos textuais, sonoros e visuais que estruturam a narrativa. Sendo assim, sigo para a recomposição da intriga e identificação dos conflitos principais e secundários, entendendo como as partes separadas do enredo se relacionam na constituição da estória integral e adentrar os sentidos da narrativa.

#### 4.4.2 Recomposição da intriga: conflitos dramáticos da narrativa

A partir desta seção, avançarei para a recomposição da intriga, fazendo uso dos cinco episódios temáticos apresentados na reportagem, considerando as partes um e dois, 1) Era uma vez... No interior do Brasil; 2) Uma cidade... Muitas perguntas; 3) Deus e o Diabo... Na Terra do Sol; 4) Sob a LUS da Justiça; e 5) Francisco, e a mecânica de crimes. Com base na separação dos episódios, é possível traçar os conflitos dramáticos secundários estabelecidos em cada sequência narrativa e conectá-los na estória, identificando as intencionalidades do narrador a partir do uso de efeitos textuais, sonoros e visuais, bem como a disposição dos personagens, tempo concedido a cada um, pontos de virada, controvérsias e linhas de raciocínio. O conflito principal da trama poderá ser revelado fundamentado na recomposição da intriga como síntese do heterogêneo e na análise da metanarrativa, considerando os elementos sociais e culturais suscitados no objeto narrativo.

A vinheta de abertura da reportagem inicia as duas partes do objeto narrativo. Apesar de rápida, a vinheta introduz imagens icônicas para a intriga da narrativa: as vítimas acompanhadas de seus nomes, imagens do julgamento de Amailton, Anísio, Carlos Alberto, Césio e Valentina, e imagens de homens encapuzados, característicos de seitas. Levando em conta o nome da reportagem, "*Emasculados: seita, mistério e morte em Altamira*", pode-se compreender que a narrativa busca atrair o espectador lançando mão do caráter absurdo e espetacular que envolve o caso dos meninos emasculados de Altamira. O conflito dramático "seita" é representado tanto no título da reportagem, quanto nas imagens da vinheta de abertura, e será exaustivamente explorado ao longo do enredo.

No primeiro episódio temático da reportagem, "Era uma vez... No interior do Brasil", a narrativa apresenta a realidade de Altamira antes da série de crimes ocorridos na cidade entre 1989 e 1993. É uma estratégia narrativa bastante comum, que visa estabelecer uma normalidade que logo será perturbada. Assim, cria-se um ponto de virada, uma quebra de expectativas logo nos primeiros minutos da trama, o que mantém o espectador atento para os próximos acontecimentos. A fonte Maria Esther, irmã de Klebson, é a com maior tempo de tela neste primeiro episódio,

fornecendo informações que nos aproximam da realidade relatada, a partir de suas percepções e sentimentos.

A narrativa do primeiro episódio se divide em três conflitos dramáticos secundários: 1) crianças começam a desaparecer em Altamira; 2) cidade em pânico; e 3) emasculações. O primeiro conflito, como mencionado acima, estrutura o pano de fundo da estória, fazendo com que o segundo conflito surja a partir dele. A dicotomia entre a paz, que existia antes, e o medo, que é a realidade atual, é explorada na fala dos familiares, que juntos constituem um dos personagens centrais neste primeiro momento. Com exceção de Maria Esther, os outros familiares aparecem em falas sequenciadas sobre um mesmo tópico e, por isso, se unem enquanto um só personagem: família.

O terceiro conflito, “emasculações”, retoma a lógica da exploração do absurdo e espetacular, afinal, é um dos elementos mais chocantes no caso. Quando o repórter Pascoal Gemaque aparece em meio a uma clareira, informando que aqueles eram os locais mais comuns para desova dos corpos, a narrativa oferece uma aproximação entre o espectador e o crime, que é extrapolada na cena seguinte, quando a sombra de um homem segurando uma faca pode ser vista no chão. A trilha de suspense escutada ao fundo completa a experiência: é como se o espectador pudesse estar na cena dos crimes. A narração de Gemaque também é bastante categórica: “elas eram deixadas no mato para sangrar até morrer, antes elas eram emasculadas” (Emasculados, 2022).

A explicação do urologista Ricardo Tuma sobre a definição técnica da emasculação, que vem logo a seguir, apesar de fundamentada, começa e se encerra com efeitos de dramatização bastante grosseiros. O uso de câmera lenta ao final de sua fala parece desconexo, além da imagem congelada do especialista durante cinco segundos, que gradualmente torna-se preta e branca. Este efeito é usado para introduzir ou reintroduzir - na segunda parte - todas as fontes da reportagem e, no caso de especialistas e autoridades, que oferecem visões técnicas sobre o caso, seu uso torna evidente a intencionalidade dramática do narrador. Tal efeito se assemelha aos ganchos de novelas ou séries que aparecem ao fim do episódio, quando uma informação bombástica é revelada e cria-se suspense para o próximo episódio. Ao todo, o efeito é repetido doze vezes ao longo das duas partes da reportagem.

No segundo episódio temático, “Uma cidade... Muitas perguntas”, a narrativa divide-se em dois conflitos dramáticos secundários: 1) mobilizações sociais; e 2) andamento das investigações. O primeiro conflito demonstra a indignação dos familiares das vítimas e habitantes de Altamira frente aos crimes que assolavam a cidade e o descomprometimento das autoridades competentes em investigar o caso, sendo Maria Esther e Adelson as duas fontes que mais recebem destaque neste primeiro momento. Há uma sequência de três falas de arquivo de figuras representativas do Estado sobre as mobilizações do povo altamirense, atribuindo importância aos movimentos sociais da época. Apesar disso, a narrativa não incorpora o tom crítico que permeava as manifestações e as descreve apenas como uma “pressão sobre as autoridades”.

Os familiares assumem papel de herói, o que torna-se evidente nas falas de Adelson e Maria Esther, respectivamente, “se não fossem as mobilizações sociais, com certeza não teríamos chegado aonde chegamos” e “se as famílias não tivessem se unido, acho que estaria acontecendo até hoje” (Emasculados, 2022). Ou seja, a resolução do caso é atribuída aos familiares das vítimas e não à Polícia ou ao Ministério Público, o que é mostrado de forma romantizada na narrativa, destacando o caráter heróico dos movimentos sociais e, conseqüentemente, minimizando a negligência dos agentes públicos.

O segundo conflito dramático deste episódio temático, “andamento das investigações”, é uma resposta ao conflito inicial e, com ele, exerce uma relação de causa e efeito, desencadeando na identificação dos primeiros suspeitos do caso. A prisão e morte de Rotílio de Souza é apresentada de forma breve, apesar das condições suspeitas em que seu corpo foi encontrado. Rotílio não é nomeado pelo delegado Freire, que apenas menciona a morte do homem enquanto parte da investigação, conforme percebe-se na passagem: “com a prisão deste morador de rua, que morreu no cárcere, verificou a continuidade da ocorrência. Então aí se verificou que não se tratava de um crime comum de homicídio” (Emasculados, 2022). Novamente, há uma falta de responsabilização na narrativa.

O terceiro episódio temático, “Deus e o Diabo... Na Terra do Sol”, encerra a primeira parte da reportagem e é o responsável por introduzir os personagens do grupo LUS. São dois conflitos dramáticos preponderantes neste episódio: 1) seita satânica; e 2) rituais. Vídeos e fotos de seitas, rituais e do livro “Deus, a Grande Farsa”, de Valentina de Andrade, abrem o episódio, seguidos de um trecho do livro,

recitado por uma voz remixada em tom diabólico. É uma linguagem típica do jornalismo sensacionalista, que visa explorar emoções e sensações (Marcondes Filho, 1986) do espectador. Na sequência, o teólogo Mário Tito explica o significado de “seita” enquanto uma crença que foge à normalidade ou que é caracterizada como fanatismo religioso. O termo é usado repetidas vezes para se referir ao grupo LUS, até mesmo pelo repórter Gemaque. A dinâmica de exploração do conflito dramático “seita” resgata também a ideia do pânico satânico<sup>23</sup>.

A imagem de Valentina e do grupo LUS é construída concomitantemente por meio de uma sequência de declarações que se contrapõem. Enquanto Jonas Campos e Waldir Freire acusam Valentina dos crimes, Claudio Dalledone a defende. O teólogo, apesar de não citar Valentina diretamente, contribui para as acusações, já que a narrativa deliberadamente reconhece o LUS enquanto uma seita. Contabilizando a vinheta de abertura, imagens relacionadas a seitas e rituais são repetidas nove vezes durante as duas partes da reportagem, sempre relacionadas ao LUS e à Valentina de Andrade.

O segundo conflito dramático do episódio busca lançar luz sobre o simbolismo das emasculações. As declarações categóricas das fontes acusatórias e a cadência das informações inferem culpa aos suspeitos, mesmo que indiretamente. Jonas Campos acusa Valentina e seus seguidores de emascular meninos para obter poderes acima do cidadão comum e, logo em seguida, o urologista Ricardo Tuma detalha o impacto da emasculação na saúde mental e física dos sobreviventes.

Já na segunda parte da reportagem, o quarto episódio, “Sob a LUS da Justiça”, avança a narrativa para o processo judicial do caso. Três conflitos dramáticos são apresentados: 1) julgamento dos acusados; 2) falhas processuais; e 3) absolvição de Valentina. No primeiro dos conflitos, o julgamento é retratado enquanto um processo lento, aumentando o sofrimento dos familiares das vítimas, que desejavam que a justiça fosse feita após anos aguardando uma resposta. Aqui, a sequencialidade dos eventos novamente revela a intencionalidade narrativa. O advogado criminalista Rubens Pena conta que a estratégia da defesa de Valentina é justamente tornar o julgamento mais longo em benefício da acusada.

---

<sup>23</sup> Pânico satânico: pânico moral instigado por grupos fundamentalistas e conservadores envolvendo rituais satânicos e sacrifícios humanos. Iniciou-se nos anos 1980 e continua presente na mídia até os dias atuais.

Evidentemente, a demora para a conclusão do caso não é de responsabilidade dos acusados como a narrativa deixa subentendido, mas sim dos órgãos policiais e judiciários competentes. O último crime no caso dos meninos emasculados de Altamira aconteceu em 1993, enquanto o julgamento dos acusados aconteceu apenas em 2004, mais de dez anos depois. A narrativa, até certo ponto, se propõe a abordar as várias falhas processuais do caso, principalmente no que diz respeito às investigações, o que aparece no segundo conflito dramático do episódio. Entretanto, mesmo neste momento, não há uma problematização aprofundada na narrativa, que apenas apresenta as críticas por meio dos relatos de Rubens e Dalledone.

Os conflitos dramáticos 2) falhas processuais e 3) absolvição de Valentina são permeados por controvérsias na narrativa, a um ponto que não fica claro se representam a verdade dos fatos. Quando Valentina é declarada inocente pelo júri popular, a narrativa foca nas suspeitas de que os jurados haviam sido influenciados pela defesa da ré e na investigação conjunta da PF e Polícia Civil do Pará que é instaurada. O resultado da investigação não é mostrado na reportagem, fomentando dúvidas junto ao espectador quanto à legitimidade de seu julgamento.

É somente no último episódio temático, “Francisco, e a mecânica de crimes”, que Francisco das Chagas é apresentado ao espectador. O último episódio temático se desenvolve no entorno de um único conflito dramático, a confissão de Chagas. Nele, além de introduzir um novo e importante personagem à trama, a narrativa se propõe a abordar o impacto de sua confissão no processo de Altamira, que, neste ponto, já havia sido concluído. A imagem de Chagas não é propriamente construída junto ao público e ele aparece na trama já como um réu confesso que, anos depois, passou a negar os crimes.

Dessa forma, a reportagem se encaminha para sua conclusão gerando mais dúvidas do que certezas. Rubens e Dalledone são categóricos ao afirmarem acreditar que Chagas é o verdadeiro culpado pelos crimes, mas o delegado Freire mantém sua posição, defendendo o trabalho da Polícia Civil do Pará e alegando ter consciência tranquila sobre o resultado das investigações. O episódio então se encerra com uma fala de Maria Esther: “a gente se acostuma com a dor, mas esquecer mesmo, jamais” (Emasculados, 2022).

Ao final da recomposição da intriga, tendo conhecimento dos conflitos secundários da narrativa elencados neste trabalho, pode-se chegar ao conflito

dramático principal proposto na narrativa: “mortes misteriosas de meninos em Altamira”. O Quadro 02, apresentado abaixo, apresenta a relação dos conflitos dramáticos principal e secundários da trama. A narrativa da grande reportagem analisada se propõe a apresentar ao espectador um dos mais emblemáticos casos policiais do Pará, sob uma perspectiva mais atual. Considerando a decomposição e recomposição da narrativa e as dinâmicas midiáticas na relação entre produção e consumo do jornalismo, pode-se inferir que o objeto narrativo escolhido para a reportagem dispõe de uma série de estratégias discursivas, visuais e sonoras que o aproximam do espetáculo.

Quadro 02 - Conflitos dramáticos



Fonte: elaborado pelo autor

O aparecimento do envolvimento emocional não é por si só sensacionalista, mas na transposição da linguagem objetiva para a linguagem sensacionalista, pode ocorrer o sensacionalismo (Angrimani, 1995). No objeto narrativo analisado, os efeitos de dramatização presente em diversos momentos atestam a transposição de linguagens e, conseqüentemente, a irrupção do sensacional. Mas, podemos ir além da superfície. Apesar de a narrativa jornalística ser um desafio complexo ao analista que se proponha a analisá-la, já que, muitas das vezes, o jornalismo é interpretado enquanto uma reprodução fiel dos fatos, foi possível compreender como um objeto

fático se aproxima da ficção na reorganização do tempo narrativo a partir da composição da estória (Motta, 2013).

Com o estudo do plano da expressão, identificamos uma série de estratégias linguísticas empregadas na reportagem que suscitam sentidos aos acontecimentos e personagens, mesmo que indiretamente. Exemplos disto são: introdução dramatizada de todas as fontes, efeito de distorção de voz, uso recorrente de trilha de suspense e câmeras lentas, vinheta de abertura e repetição de cenas alusivas a seitas e rituais. Além destes, no âmbito da televisão, o uso de letras destacadas em vermelho nos títulos dos episódios temáticos comprovam a tentativa de causar maior impacto no espectador, visto que, segundo Porcello (2006), essa cor é utilizada para gerar sensações intensas. Estes efeitos dramatizam os relatos e espetacularizam o acontecimento. Pode-se entender, a partir de então, que o objetivo na construção desta narrativa foi inculcar o público com um sentimento de curiosidade devido ao seu caráter absurdo.

Alguns efeitos de dramatização, agora no plano da estória, percebidos na narrativa, já destacados no capítulo da análise, foram: destaque ao conflito dramático “seita”, falta de construção ou construção tendenciosa da imagem de personagens, isenção de senso crítico, aproximação do espectador com a cena do crime e imagem simulada do assassino e escolha da cadência das informações. Sobre este último efeito, a sequencialidade em que os eventos são mostrados na narrativa escracha a intencionalidade em imputar culpa na personagem Valentina de Andrade, retratada enquanto a principal antagonista às famílias das vítimas, que assumem o papel de herói. Essa imputação de culpa, realizada na narração, já era prevista por Hall et al (1993) enquanto uma reafirmação simbólica dramatizada do código de conduta social e seus limites de tolerância.

Nesta perspectiva, também denota-se a isenção da reportagem quanto à responsabilização das autoridades policiais e jurídicas de Altamira e do Pará no andamento das investigações e processo dos cinco acusados - Anísio, Amailton, Carlos Alberto, Césio e Valentina. A partir da contextualização do caso elaborada neste trabalho, concluo que, passados trinta anos após os fatos ocorridos, a problematização acerca da inatividade das autoridades em solucionar o caso e a verificação da verdade dos fatos seria o principal gancho factual da matéria e, também, o enquadramento prioritário, o que não foi feito na reportagem em questão.

No plano da metanarrativa, se destaca o uso de juízos de valor quanto às religiões de matriz africana. O preconceito histórico contra esses credos serve como pano de fundo para superdimensionar o conflito dramático “seita”, comumente referenciado na narrativa como “rituais de magia negra”, expressão de cunho racista e que faz alusão às práticas religiosas desses grupos. A falta de responsabilização quanto a suscitação deste imaginário histórico e social evidencia um rompimento com os princípios básicos do papel social do jornalismo, mais especificamente com o oitavo elemento de Kovach e Rosenstiel (2001) e com a finalidade “I”, de Reginato (2016), respectivamente: “garantir notícias abrangentes e proporcionais” e “esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade”. Mas, para além disso, ao adotar essa conduta, o jornalista deixou de cumprir seu dever ético de defender os direitos humanos e civis por meio do exercício profissional. Como afirma Dias (2020), é preciso ter consciência das escolhas que resultam na narrativa para que o jornalismo seja um espaço de defesa e não violação dos direitos.

Com o destaque dado à Valentina e ao grupo LUS, Francisco das Chagas se torna um coadjuvante na narrativa, sendo introduzido ao público apenas dez minutos antes do final da reportagem. É verdade, no entanto, que a possibilidade de Chagas ser o verdadeiro assassino de Altamira não foi descartada na narrativa, já que a fala do advogado criminalista Rubens Pena Júnior - que teve sua credibilidade atestada pelo repórter Pascoal Gemaque - é enfática ao enquadrá-lo como real autor dos crimes e, além disso, pontuar as falhas processuais no julgamento dos réus. O que fica subentendido a partir destes contrapontos é a intencionalidade em encerrar a reportagem em um tom de dúvida e propositalmente não fornecer respostas, mantendo a atmosfera de tensão e mistério.

Tendo em vista esses apontamentos, pode-se denotar que as estratégias de dramatização empregadas na narrativa vão na contramão de uma série de princípios basilares da atividade jornalística. Há, certamente, momentos em que informações importantes são devidamente esmiuçadas perante ao espectador, o que, em grande parte, deve-se à variedade de diferentes tipos de fontes incorporadas na reportagem - especialistas, familiares, autoridades, advogados e ativistas - , aspecto importante no jornalismo de segurança pública, segundo Dias (2020). Porém, ao decompor e recompor a intriga desta narrativa, bem como elencar seus conflitos dramáticos, percebe-se que o compromisso central da trama não é para com o esclarecimento dos fatos perante ao cidadão ou no fornecimento de informações qualificadas -

finalidades centrais para Reginato (2016) -, mas sim em moldar a realidade dramática, tornando-a uma estória espetacular.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente trabalho de pesquisa foi iniciado com o objetivo de responder a problemática: “como foi construída e em que medida atende aos princípios basilares do jornalismo a narrativa jornalística do Grupo Liberal sobre o caso dos meninos emasculados de Altamira na reportagem de 2022 intitulada “*Emasculados: Seita, mistério e morte em Altamira*”?”, também analisando os sentidos obtidos a partir das escolhas narrativas. Para responder tal questão, selecionei como objetivo geral investigar em qual medida a reportagem “*Emasculados: Seita, mistério e morte em Altamira*”, feita pelo Grupo Liberal em 2022, cumpre os princípios basilares do jornalismo voltado à cobertura de segurança pública e criminalidade violenta.

Buscando embasar o debate proposto nesta pesquisa, o segundo capítulo introduziu conceitos básicos acerca da função jornalística e seu papel social. A partir de autores como Reginato (2016) e Kovach e Rosenstiel (2001), foi possível estabelecer uma série de princípios basilares esperados da atuação do profissional de jornalismo, assentados na ideia de uma informação qualificada e verificada que possibilita o exercício da cidadania e autogovernança. Ao descortinar a existência de um véu narrativo, que está entre o fato e a informação jornalística, torna-se de suma importância o estudo da narrativa enquanto parte fundamental na elaboração de um relato público dos acontecimentos. Sodré (2009) e Hall et al (1993) ajudam a entender a narrativa e o enquadramento enquanto organizadores da experiência social, já que seus esquemas interpretativos possíveis permitem que uma mesma história seja contada de diferentes maneiras.

Dessa maneira, a responsabilidade social do jornalismo deve prevalecer no processo de media o, dada sua capacidade de moldar a opinião pública. A  rea do jornalismo criminal, contextualizada por Dias (2020), ao abordar acontecimentos problemáticos - o crime - que dispõe de um grande potencial de noticiabilidade, requer ainda mais aten o na manuten o dos princípios jornalísticos e de seu papel social. Firmei que o jornalista ideal da área criminal   aquele que seja capaz de visualizar as complexas teias que compreendem nossa realidade social, abordando o tema com uma contextualiza o detida e evitando a desproporcionalidade de discursos.

No terceiro capítulo, parti para o estudo do sensacionalismo, fenômeno jornalístico bastante característico das matérias criminais por representar a

transgressão à norma e ser resultante do processo de mercantilização do jornalismo. Retornei aos primórdios do sensacionalismo na imprensa a partir de autores como Marcondes Filho (1986) e Angrimani (1995), o que me permitiu definir a prática sensacionalista como uma exploração do caráter sentimental e emocional com fins comerciais, superdimensionando os acontecimentos e sensacionalizando aquilo que não é sensacional. Seguindo nesta linha, incorporei as teses de Debord (1967) para melhor elucidar acerca da estrutura sistêmica presente na nossa sociedade, nos condicionando a uma existência de espetacularização exacerbada e modificando o processo de produção do jornalismo.

Visto que este trabalho buscou analisar uma reportagem audiovisual, também debati as manifestações do sensacionalismo no telejornalismo. Tendo como base os conceitos básicos acerca do jornalismo televisivo - e o que o diferencia do jornalismo feito nos demais suportes midiáticos - estabelecidos por Porcello (2006), foi possível problematizar a recorrente irrupção de narrativas sensacionais na televisão, dispondo de exemplos concretos - Linha Direta e Brasil Urgente - presentes na pesquisa de Negrini e Tondo (2007). No âmbito da segurança pública e do crime, o aparecimento do sensacionalismo evidencia a diluição dos princípios jornalísticos em favor da priorização do caráter comercial da informação. Com base na obra de Ramos e Paiva (2007), que oferece uma visão mais otimista para o futuro do jornalismo criminal, posso afirmar que o problema na cobertura do crime está na desconexão entre casos isolados e a complexa realidade social por trás da criminalidade e marginalização dos corpos.

Ainda no terceiro capítulo, Amaral (2005) me permite refletir sobre o impasse conceitual do termo “sensacionalismo”: muitas vezes, ele é erroneamente atribuído ao jornalismo popular, revelando o preconceito contra matrizes culturais e contextos sociais que produzem diferentes linguagens e, por causa disso, acessam diferentes públicos. Reitero aqui que ponderar sobre os juízos de valores que envolvem o debate do sensacionalismo, não significa eximir-se de tecer críticas ao jornalismo comprovadamente espetacularizado.

Partindo para o quarto capítulo - que compreende a apresentação do caso, da metodologia, objeto empírico e análise -, foram contextualizados os pormenores do caso dos meninos emasculados de Altamira, tendo como base as dissertações de Lacerda (2012) e Rodrigues (2010). Os eventos do caso foram apresentados de forma cronológica a partir de duas seções: vítimas e investigações. Nestas seções,

torna-se evidente o *modus operandi* usado pelo ofensor, o padrão tipológico das vítimas e a negligência das autoridades policiais de Altamira frente aos recorrentes ataques. A contextualização do caso possibilitou uma análise mais aprofundada do objeto empírico, que teve sua escolha justificada pelo impacto do Grupo Liberal sobre a opinião pública no estado do Pará.

Na busca por atender aos objetivos deste trabalho, a metodologia escolhida foi a análise pragmática da narrativa, a partir de Motta (2013) para permitir a observação de aspectos textuais, visuais e sonoros, tendo em vista a importância destes para os resultados da pesquisa. Selecionei dois dos sete movimentos propostos pelo autor para o desenvolvimento da análise. São eles: “*compreender a intriga como síntese do heterogêneo*” e “*permitir ao conflito dramático se revelar*”. Assim, foram realizadas a desconstrução e reconstrução da intriga e, concomitantemente a esta última, elenquei os conflitos dramáticos preponderantes em cada um dos episódios temáticos da reportagem. Por fim, “mortes misteriosas de meninos em Altamira” foi definido como conflito dramático central da trama.

O conflito dramático central da trama pôde ser identificado com base na exploração do aspecto misterioso e absurdo do caso na narrativa, assentado na sua insolubilidade e nos eventos trágicos narrados, além das diversas teorias incorporadas nas coberturas midiáticas ao longo do tempo. Para tanto, a reportagem não se propõe a apresentar respostas às famílias e vítimas ou buscar ir a fundo nos fatos que atualmente são considerados consumados, mas sim explorar o caráter absurdo no caso dos meninos emasculados, dando grande destaque à Valentina de Andrade e ao grupo LUS, colocados no papel de antagonistas por grande parte da narrativa. A imagem de Valentina de Andrade é minuciosamente construída junto ao público, com inserção de diversas fontes dando opiniões conflitantes sobre a mulher e lançando dúvidas sobre sua índole. A exploração do conflito dramático “seita”, como já mencionado anteriormente, suscita um imaginário social de aversão às religiões africanas e afrobrasileiras e do pânico satânico, que ainda está fortemente enraizado na sociedade atual.

À época em que o caso dos meninos emasculados de Altamira alcançou repercussão nacional, o caso Evandro já era amplamente debatido pelas famílias brasileiras. O pai de santo Osvaldo Marcineiro foi um dos acusados pela morte do menino, assim como Valentina de Andrade, antes de serem absolvidos. Não há ligação comprovada entre os dois casos, mas o imaginário da época e a cobertura

jornalística espetacularizada foram o suficiente para cristalizar a crença de que ambos casos haviam sido resultado da ação de uma seita misteriosa que sacrificava crianças em troca de bonança financeira. Valentina de Andrade foi inocentada em ambas as ocasiões, mas, como ficou evidente neste trabalho, a mídia ainda se vale deste pano de fundo cultural para espetacularizar a informação.

Por outro lado, narrativa se isentou, em mais de uma oportunidade, em responsabilizar as autoridades pela negligência na condução das investigações e do processo judicial. A falta de amparo da polícia às famílias das vítimas, explicitada no capítulo anterior, não é mencionada na reportagem, apesar das inúmeras mobilizações sociais que surgiram a partir do sentimento de desproteção que pairava na cidade. A Polícia Civil e a PF são retratadas sob um viés positivo na narrativa e ganham espaço para justificar eventuais controvérsias que surjam nas falas dos demais personagens.

A desproporcionalidade entre o espaço dado a Valentina de Andrade e Francisco das Chagas na narrativa também é aspecto importante para se considerar. Chagas confessou todos os crimes, viveu em Altamira na época das emasculações e foi condenado no Maranhão pela emasculação de outros 30 meninos. Ainda assim, Valentina é a principal antagonista na narrativa, ganhando amplo destaque e tempo de tela. O último episódio temático, único focado em Chagas, não ultrapassa dez minutos de duração e possui um único conflito dramático, evidenciando a superficialidade da narrativa ao expor fatos importantes para a elucidação dos eventos.

Por fim, ao final da análise pragmática da narrativa desenvolvida neste capítulo referente à reportagem "*Emasculados: seita, mistério e morte em Altamira*", podemos denotar a linguagem sensacionalista que permeia grande parte da narrativa em questão e a impossibilidade do objeto narrativo em atender às finalidades do jornalismo propostas por Reginato (2016) e Kovach e Rosenstiel (2001), bem como fornecer um jornalismo de segurança pública e de crime que esclareça o espectador e possibilite que ele exerça sua cidadania, conforme Dias (2020).

No espetáculo, o fim não representa nada, o desenrolar é tudo que importa (Debord, 1967); portanto, apesar da lacuna temporal entre os eventos narrados e a veiculação da reportagem, a narrativa mantém a mesma dinâmica da cobertura jornalística original do caso, se atendo ao emocional, ao espetacular e às

informações factuais, priorizando imagens e gravações de arquivo, efeitos de dramatização e falas de personagens na composição da narrativa, sem ser necessário problematizar ou esclarecer o acontecimento. Dessa forma, se confirma a hipótese de que a reportagem utiliza dos fatos para construir uma narrativa que chame atenção do público por seu aspecto “misterioso” e “chocante”, tornando-se sensacionalista por dar importância à construção de uma história que trata de fatos cruéis como se fossem ficção, visando potencializar o caráter comercial do caso. É importante reafirmar, nesse momento, que é a disciplina da verificação que distingue o jornalismo do entretenimento (Kovach; Rosenstiel, 2001).

Conclui-se que, apesar de tangenciar temas valorosos para o debate no caso dos meninos emasculados de Altamira, a narrativa os faz, na maioria das vezes, de forma simplista, não aprofundando as complexas teias sociais que atravessam os principais acontecimentos compreendidos neste caso e reforça históricos imaginários sociais de racismo religioso e intolerância. A reportagem fornece uma angulação específica para o telespectador, priorizando a geração de emoções e sensações em detrimento de reflexões embasadas e contextualizadas, aproximando-se dos objetos ficcionais. A partir deste movimento, as finalidades deontológicas do jornalismo são integralmente sobrepostas por seu caráter de produto mercadológico, fazendo com que o material jornalístico não represente nada além de uma mercadoria.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Meninos emasculados reconhecem seus algozes. **Agência Brasil**, Brasília, 28 ago. 2003. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-08-28/meninos-emasculados-reconhecem-seus-algozes>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Intexto, Porto Alegre, n. 13, p. 103–116, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4212>. Acesso em: 14 set. 2023.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BOURGUIGNON, Natália; COSTA, Wing. Caso Césio Brandão: médico luta na Justiça para provar inocência, no ES. **Gazeta Online**. Espírito Santo. 05 mai. 2016. Disponível em: <<https://glo.bo/1ZjUzsv>>. Acesso em: 07 nov. 2023.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.

DIAS, Anelise Schütz. **JORNALISMO DE SEGURANÇA PÚBLICA: uma proposta de campo jornalístico especializado com foco em direitos humanos**. 2020. 246f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

HUBERTY, Daniela. **A narrativa jornalística imediata e tardia no desastre socioambiental na região serrana do Rio de Janeiro em 2011**. 2020. 205f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. Washington: Porto, 2001.

LACERDA, Paula Mendes. **O “caso dos meninos emasculados de Altamira”:** **Polícia, Justiça e Movimento Social**. 2012. 344f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LAGO, Claudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian journalism research**. São Paulo. vol. 10, n. 2, p.172-185. 2014.

LOPES, Janaína. Com inquérito inconclusivo, caso das crianças esquartejadas em Novo Hamburgo completa dois anos. **G1 RS**, Rio Grande do Sul, 05 set. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/09/05/com-inquerito-inconclusivo-caso-das-criancas-esquartejadas-em-novo-hamburgo-completa-dois-anos.ghtml>> . Acesso em: 16 out. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia:** jornalismo como produção social de segunda natureza. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MOLICA, Fernando. Entre nomes e números: uma análise do jornalismo policial. 2007. *In*: RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

NASCIMENTO, Valéria. ‘Somente a Verdade’: série documental do Grupo Liberal vai ao ar nesta quinta (11). **O Liberal**, Pará, 11 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/policia/grupo-o-liberal-lanca-a-serie-audiovisual-de-documentarios-somente-a-verdade-1.458687>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

O LIBERAL. Somente a Verdade: Histórias de Polícia. **Emasculados:** seita, mistério e morte em Altamira (parte 01). Vídeo. 22m. 30 jun. 2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ygOmthzf4xM&t=202s&ab\\_channel=OLiberal](https://www.youtube.com/watch?v=ygOmthzf4xM&t=202s&ab_channel=OLiberal)>. Acesso em: 8 out. 2023.

O LIBERAL. Somente a Verdade: Histórias de Polícia. **Emasculados**: seita, mistério e morte em Altamira (parte 02). Vídeo. 25m. 07 abr. 2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=lzBb8MH\\_5Lg&ab\\_channel=OLiberal](https://www.youtube.com/watch?v=lzBb8MH_5Lg&ab_channel=OLiberal)>. Acesso em: 8 out. 2023.

PORCELLO, Flávio A. C. Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV?. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 31, p. 79-84, dez. 2006.

PROJETO HUMANOS: **Altamira**. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. Curitiba: Globoplay, 7 abr. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3lmOWdGnN8mHFNaKwMSFJx>. Acesso em: 7 nov. 2023.

PROJETO HUMANOS. **Wiki de Altamira**. Materiais extras, documentos e informações do caso. Curitiba: Projeto Humanos, 2022. Disponível em: <http://www.projetohumanos.com.br/wiki/altamira/navegar/category/extras/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. Mídia e violência: **Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007

REDAÇÃO LIBERAL. Autoridades e personalidades homenageiam septuagenário. **O Liberal**, Pará, 01 de jun. 2022. Disponível em: <<https://liberal.com.br/especiais/autoridades-e-personalidades-homenageiam-septuagenario-do-liberal-1775004/>>. Acesso em 17 dez. 2023.

REGINATO, Gisele. **As Finalidades do Jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. 2016. 260f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In.: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo** - questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993, p. 27-33.

RODRIGUES, A.R.M. **O caso dos meninos emasculados de Altamira e o diálogo dos princípios do Direito**. 2010. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Pará, Marabá, 2010.

SARTOR, Basílio. **A noção de interesse público no jornalismo: dimensões conceituais**. 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/201054>> . Acesso em 19 dez. 2023.

SILVA, Luarlindo Ernesto, Era proibido voltar pra redação sem o boneco. 2007. *In*: RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007

SODRÉ, Muniz. **A Narração de Fato: Notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo. *In*: **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Curitiba. 2009.